Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Curso de Licenciatura em Sociologia

Departamento de Sociologia

Trabalho de Fim de Curso

Representações Sociais de Novos Ingressos (estudantes) sobre a convivência na Residência Universitária do Campus Principal da UEM – Maputo

Autor:

Lénio Lisboa

Supervisor:

Baltazar Muianga, PhD

Maputo, Março de 2025

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Curso de Licenciatura em Sociologia

Departamento de Sociologia

"Representações Sociais de Novos Ingressos (estudantes) sobre a convivência na Residência Universitária do Campus Principal da UEM – Maputo"

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Eduardo Mondlane

O Candidato:

Lénio Lisboa

Supervisor:

Baltazar Muianga, PhD

O Júri

O Supervisor	**O Presidente**	**O Oponente**
_____	_____	_____

Maputo, aos____de_____de 2025

Declaração de Honra

Eu, Lénio Lisboa, declaro por minha honra que esta monografia nunca foi apresentada, parcial ou integralmente, em nenhuma instituição para a obtenção de qualquer grau académico e que constitui o produto de uma investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

Maputo, Março de 2025

_____

(Lénio Iassine Alves Lisboa)

Dedicatória

Com toda a minha alma, aos meus pais (Iassine Lisboa e Anabela Rofino), pelo amor e esperança depositados em mim durante a minha formação. Ao meu irmãozinho, Ronaldo, que dele tenho muito que cuidar. E claro, ao meu querido tio, Olavo Rofino, que há sensivelmente 8 anos partiu desta terra – que Deus o guarde!

Agradecimentos

A *Deus*, que me fortalece a cada dia e nunca me abandona, mesmo quando tropeço, mesmo quando sinto-me sozinho no vale. Aos meus pais e ao meu irmãozinho, por serem elo de amor.

Aos meus irmãos na fé, Sabuque Candrinho, Ignécio Adriano, Luís Muchidão, Moisés Muchidão, Conde Nazaré, Florim Binifol, e outros, que me têm fortalecido grandiosamente em toda minha trajectória.

Ao meu orientador, Doutor Baltazar Muianga, por todo o carinho, ensinamentos e colaboração que me proporcionou, tornando possível a realização deste trabalho através das suas exigentes orientações sobre a produção do conhecimento científico. Outrossim, ao meu professor, Mestre Obede Baloi, com quem tenho aprendido muito e aperfeiçoado os meus conhecimentos sobre a sociologia da vida quotidiana. A ele sou grato! Ao meu professor, Dr. Orlando Nipassa, que, através das suas exigências sobre a responsabilidade académica, tornou-me um estudante robusto – a ele, um *well done e ten points*! Ao professor, Mestre Adriano Maurício, que me fez descobrir o fascinante mundo de Émile Durkheim nas aulas teóricas de sociologia da religião. Ao meu tio, Zecas Rofino, por me apoiar na fortaleza da responsabilidade emocional e pela confiança que tem depositado em mim sempre que mantemos contacto. À Gracinda Joseque, que tem demonstrado ser uma mulher incrível e com qualidades que não se podem medir aos palmos dos olhos, pois isso seria o mesmo que cortar o vento com uma espada. Ao meu mestre de arte marcial com muita disciplina, Abú Joaquim, por me ter introduzido aos primeiros passos da sociologia moderna quando eu ainda era menino. Ao meu grande amigo, Macedo Oniva (o homem dos animais), pela grande conexão e proximidade que desenvolvemos desde a infância até às responsabilidades que nos acompanham hoje. E também, claro, ao departamento de sociologia, em especial às professoras Rehana Capurchande e Nair Teles, por seus ensinamentos e por me terem desafiado a pensar de crítica. Agradeço também aos demais professores do departamento, que contribuíram para a minha formação. E, aos outros "conhecidos amigos virtuais", por me terem estimulado a pensar sempre com a sociologia nas discussões que fazemos no *facebook.* Por último, agradeço a todos os participantes, cuja coragem em contar suas histórias significativas e comoventes de vida tornaram este trabalho possível.

Di no tamalelani (Muito obrigado)!

Epígrafe

“A convivência é o reflexo das normas e valores que unem os indivíduos, criando laços que sustentam a ordem social”.

— Émile Durkheim

Resumo

Este estudo foi realizado com o objectivo de compreender a forma como os estudantes de novo ingresso constroem as suas percepções sociais sobre a convivência na residência universitária do Tangará, no Campus Principal da UEM, em Maputo. Para o efeito, recorremos à proposta teórica de Serge Moscovici (1961) como teoria principal, e a teoria de Émile Durkheim (1978) como teoria auxiliar. No que diz respeito aos aspectos metodológicos, optámos por uma abordagem qualitativa, precedida pelo procedimento de preenchimento por questionário. Para recolha de dados, fizemos o uso da revisão bibliográfica e das entrevistas semiestruturadas, a partir de um guião previamente elaborado. Os dados foram interpretados através da técnica de análise de conteúdo. Os resultados obtidos revelaram que a convivência na residência universitária é percebida como um espaço de aprendizado colectivo, onde o respeito, a dignidade e o espírito de entreajuda são considerados pilares fundamentais para a boa convivência. No entanto, foram também identificados desafios significativos, como a falta de privacidade, as desigualdades hierárquicas entre os estudantes antigos e novos, e a insatisfação com as condições alimentares. Esses factores dificultam a adaptação de alguns estudantes ao ambiente residencial, gerando tensões e conflitos que impactam suas experiências. Constatou-se, ainda, que a convivência universitária no Tangará é um espaço rico em aprendizado e troca de experiências, mas que carece de políticas inclusivas que contemplem as necessidades culturais, sociais e individuais dos estudantes. Apesar das dificuldades, a experiência é vista como transformadora, moldando identidades, valores e comportamentos.

Palavras-chave: *Representações sociais, convivência universitária, integração social, estudantes de novo ingresso, residência universitária.*

Abstract

This study aimed to understand how first-year students construct their social perceptions about coexistence in the Tangara university residence, located on the Main Campus of UEM in Maputo. For this purpose, Serge Moscovici's (1961) theoretical framework was used as the primary reference, complemented by Emile Durkheim's (1978) theory. Methodologically, a qualitative approach was adopted, preceded by a questionnaire procedure. Data collection involved bibliographic review and semi-structured interviews guided by a pre-prepared script, and the data were interpreted using content analysis techniques. The results revealed that coexistence in the university residence is perceived as a space for collective learning, where respect, dignity, and mutual help are considered fundamental pillars for good relations. However, significant challenges were also identified, such as lack of privacy, hierarchical inequalities between senior and new students, and dissatisfaction with dining conditions. These factors hinder some students' adaptation to the residential environment, causing tensions and conflicts that affect their experiences. It was also observed that the Tangará university residence is a rich space for learning and experience exchange but lacks inclusive policies addressing the cultural, social, and individual needs of students. Despite the challenges, the experience is seen as transformative, shaping identities, values, and behaviors.

Keywords: *Social representations, university coexistence, social integration, first-year students, university residence.*

Léxico de Abreviaturas

AENAZA – Associação dos Estudantes Nativos da Zambézia

DSS – Direcção dos Serviços Sociais

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

EAD – Educação a Distância

Índice

Declaração de Honra i

Dedicatória ii

Agradecimentos iii

Epígrafe iv

Resumo v

Abstract vi

Léxico de Abreviaturas vii

Introdução 1

Capítulo I - Revisão da literatura 5

1. A Expectativa como um mecanismo de adequação dos estudantes à realidade na Residência Universitária 5

1.1. A Adaptação como um processo de Integração Social dos estudantes na Residência Universitária 6

1.2. Problemática 8

1.3. Pergunta de partida 9

1.4. Hipótese 9

1.5. Objectivo geral 9

1.6. Objectivos específicos 9

Conhecer o processo de integração social de estudantes no convívio residencial universitário 9

Capítulo II- Enquadramento Teórico e Conceptual 10

1. Quadro teórico 10

1.2. Teoria das Representações Sociais 10

1.3. Enquadramento conceptual 13

1.3.1. Representação social 13

1.3.2. Estudante de Novo Ingresso 15

1.3.3. Integração social 15
Capítulo III - Metodologia 18
1. Método de procedimento 18
1.1. Método de abordagem 18
1.2. População e delimitação da amostra 19
1.3. Técnicas de amostragem 19
1.4. Técnicas de colecta de dados 19
1.5. Pesquisa bibliográfica 20
1.6. Procedimento de recolha de dados 21
1.7. Técnica de análise de dados 21
1.8. Critérios de inclusão 22
1.9. Critérios de exclusão 22
1.10. Questões éticas 22
1.11. Constrangimentos da pesquisa 22
Capítulo IV 24
1. Apresentação, Análise e Interpretação dos Dados 24
1.1. A situação geo-espacial da residência universitária do Tangará 24
1.2. Perfil sociodemográfico dos estudantes de Novo Ingresso 25
1.3. Processo de inserção social dos estudantes na residência universitária 25
1.4. A calorização como estratégia para integrar os estudantes na convivência universitária. 26
1.4.1. Os estudantes tornam-se membros da convivência universitária a partir das interacções sociais 27
1.5. Representações sociais dos estudantes sobre a convivência na residência universitária .. 31
1.5.1. O respeito é a base para uma boa convivência 31
1.5.2. A separação das residências ajuda a regular a convivência 33
1.6. Dinâmicas sociais e económicas na construção das representações sociais dos estudantes sobre a convivência 34

1.6.1. A valorização da convivência universitária e do suporte familiar como base para viver na residência.....35

1.6.2. Viver na residência universitária reduz custos de vida dos estudantes.....36

1.6.3. A residência universitária é um espaço que acolhe e proporciona segurança aos estudantes.....38

1.7. Desafios dos estudantes sobre a convivência na residência universitária.....39

1.7.1. A desigualdade de poder como fonte de conflitos e desafios na adaptação 39

1.7.2. A comida do refeitório estudantil provoca problemas de saúde 41

Considerações finais 45

Referências bibliográficas.....48

Apêndices.....53

Apêndice I – Guião de Entrevistas.....53

Introdução

"Representações Sociais de Novos Ingressos (estudantes) sobre a convivência na Residência Universitária do Campus Principal da UEM-Maputo" é o título do presente trabalho para a obtenção do grau de licenciatura em sociologia.

Neste trabalho, tivemos como principal foco a compreensão da maneira como os estudantes de novo ingresso incorporam as suas representações sociais sobre a convivência na residência universitária. Entretanto, consideramos a nossa unidade de análise para o presente estudo os estudantes universitários de novo ingresso para compreendermos como eles agem, pensam e sentem à medida que se inserem nesse meio social estudantil, onde há estudantes de diferentes regiões, cursos, anos de faculdade e de experiência académica.

Este estudo permitiu apresentar uma reflexão em torno do convívio entre estudantes de diferentes origens na residência universitária[1], permitindo assim uma compreensão mais detalhada sobre como os indivíduos o interpretam e constroem o seu mundo, sendo este facto parte integrante da realidade social. Desta feita, este estudo abre espaço para que as sucessivas pesquisas sociológicas possam explorar a realidade social e analisar a convivência dos estudantes de novo ingresso a partir de suas interacções sociais.

A preocupação deste trabalho foi de demonstrar que os estudos, abordagens e perspectivas sobre o tema de percepções privilegiam mais as representações das instituições sociais (Laginski, 2001) e não dão aos iniciantes a oportunidade de elaborar e dar sentido às práticas sociais e representações que formulam em torno do contexto que vivem. O nosso problema tinha como foco estudar a acção dos estudantes de novo ingresso durante o convívio, como eles achavam que a vida que tinham era contrariamente ao que eles representavam na sua consciência e interpretavam a realidade da vida residencial.

Entretanto, o estudo esteve focalizado na compreensão das percepções dos estudantes de novo ingresso em torno da realidade que vivem, tendo como conceitos-chave, a "representação social", o "novo ingresso", a "integração social" e o "residencial universitário". Questionamo-nos como é que os indivíduos compreendiam a sua

[1] Residência universitária – é um espaço de moradia específica para estudantes do ensino superior, onde permite com que haja interacção e troca de experiências (académicas e pessoais) entre indivíduos de diferentes contextos culturais e sociais, com cursos diferenciados no mesmo espaço estudantil.

objectividade (o real) enquanto moradores da residência do Tangará[2], e a forma de dar resposta à esta pergunta consistiu em estudar a sua representação social, sendo importante questionar como é que as representações sociais sobre a convivência influenciam na integração social de estudantes de novo ingresso na residência universitária do Tangará?

Segundo Jodelet (1989), "as representações sociais, como uma forma de conhecimento elaborado e partilhado socialmente, apresentam um alcance prático e concorrem para a construção da realidade comum". Essas representações são geradas na confluência de configurações socio-estruturais (expressas em posições sociais e em valores, normas e instituições) e reelaborações significativas do objecto de representação, produzidas pelas pessoas no decurso das interacções quotidianas. É de frisar que este estudo trata dos conceitos básicos e funções das representações sociais. Estes conceitos trazem uma nova abordagem sobre o que é e como estudantes que ingressam na universidade pela primeira vez entendem a realidade e conseguem explicar aquilo que vivenciam quando se inserem numa residência universitária.

Assim sendo, o presente estudo fez uma investigação sobre as representações sociais de "Estudantes de Novo Ingresso" no meio estudantil influenciando o processo de integração social de estudantes de novo ingresso na residência universitária do Tangará, tendo em conta que a vivência na residência universitária molda o comportamento e a personalidade de quem passa por essa experiência. Embora seja um tema amplamente estudado, a temática da convivência na residência universitária em Moçambique ainda carece de uma maior investigação, segundo nossa pesquisa.

Interessa também à Sociologia estudar sobre o caso das dinâmicas de interacção entre estudantes no meio universitário, especificamente em Moçambique, na Cidade de Maputo, pois, nos outros contextos, apresentaram-se estudos alicerçados no ensino superior, onde este era visto como o responsável por definir as limitações de aperfeiçoamento intelectual dos estudantes e, consequentemente, a organização social dos contextos. Fez-se esse estudo na Residência Universitária do Tangará no ano de 2024, no final das aulas do primeiro semestre

[2] Tangará é um termo associado a primeira residência universitária da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), tornando-se um espaço simbólico de inserção dos estudantes no ambiente académico e social. Em termos históricos, na altura, todo aquele estudante que punha os seus pés no Tangará (lugar onde maltratavam os estudantes recém chegados) todos tinham que abrir mão para o sofrimento vindouro.
Ou seja, até hoje, é uma residência que acolhe todos os estudantes admitidos à universidade para preparar o processo de integração deles.
O termo, historicamente, passou a representar não apenas um local de moradia, mas também os ritos de integração e adaptação dos novos ingressos, marcados por processos de socialização, construção de identidades e desafios da convivência colectiva.

– período em que os estudantes já se encontravam inseridos no meio estudantil como um espaço de integração para a convivência e a prossecução dos seus estudos.

Sendo o nosso foco compreender como os estudantes entendiam sobre o convívio residencial universitário e o processo de integração na residência, a motivação para a escolha do tema residiu na forma como os estudantes eram tratados por outros estudantes mais antigos, comummente chamados de "mazas[3]". A partir desse evento, despertou nosso interesse em investigar os processos que orientam as percepções e significados dos caloiros (estudantes de novo ingresso), de modo a contribuir cientificamente para a área da sociologia do quotidiano em Moçambique, dando mais subsídios para a produção do conhecimento acerca das representações sociais de novo ingresso sobre a convivência no universo residencial universitário. A motivação para a escolha do tema também está aliada à fase que passamos vivendo no meio estudantil, que suscitou curiosidade em investigar esse fenómeno que achamos sensível, e também por termos notado, no seio da convivência, um modo de vida diferente do que normalmente se imagina. Um dos aspectos marcantes foi a maneira como os estudantes antigos tratavam os estudantes: os caloiros eram sancionados e advertidos repulsivamente. Esta é, até hoje, uma maneira de recepção desses estudantes, que geralmente ocorre no início de Março em todos os anos.

Portanto, sob o ponto de vista sociológico, o estudo das representações sociais de estudantes de novo ingresso permitiu levantar e revelar as possíveis influências sociais e económicas nos espaços de construção dos significados dos caloiros em decorrência dos valores e símbolos inerentes ao universo residencial. É sociologicamente pertinente por nos ter permitido compreender como os indivíduos interpretam e captam este fenómeno como parte integrante da realidade social, com vista a compreender a dinâmica das interacções sociais destes actores.

Assim, antecedidos por uma introdução, o trabalho está dividido em cinco capítulos, a saber: Revisão da Literatura, Enquadramento Teórico e Conceptual, Metodologia, Apresentação dos resultados e Considerações Finais.

[3]O termo "maza" aqui empregado refere-se a indivíduos ou estudantes que mandam e decidem o que deve ser feito no convívio residencial e que podem criar formas de estressar os estudantes de novo ingresso. Esta é uma maneira de estabelecer uma hierarquia, onde, no universo residencial, os mazas ocupam o topo da mesma, e os estudantes de novo ingresso (frequentemente chamados de caloiros pela maioria dos estudantes) ocupam a base. Ou seja, é uma forma de serem valorizados pelos estudantes que se inserem nesse convívio, permitindo a sua continuidade até aos dias de hoje.
Também é uma forma clássica de demonstrar respeito na relação com o outro (um tipo de reconhecimento independente da vontade dos indivíduos) pelo menos, no contexto residencial universitário.

No primeiro capítulo, dedicado à revisão da literatura, examinamos estudos anteriores relacionados ao tema, focando-nos nas expectativas e adaptações dos estudantes na residência universitária. Esta secção estabelece as bases teóricas e justificativa da escolha do tema.

No segundo capítulo, expusemos o suporte teórico da pesquisa, destacando a teoria das representações sociais e outros conceitos-chave, como a "representação social", para entender as noções e interpretações construídas pelos estudantes sobre a convivência na residência universitária.

No terceiro capítulo, descrevemos o método de pesquisa utilizado, que incluiu um estudo qualitativo baseado em questionários aplicados a estudantes de novo ingresso. Também detalhamos os métodos de abordagem e o grupo-alvo da pesquisa.

No quarto capítulo, organizamos e analisamos os dados colectados, oferecendo interpretações que relacionaram os resultados com o problema de pesquisa inicial, e incluímos uma descrição geo-espacial da residência universitária do Tangará, onde a pesquisa foi conduzida. Neste capítulo, organizamos os dados por categorias que reflectiram as percepções e experiências dos estudantes sobre a convivência na residência universitária. As categorias incluíram aspectos como a adaptação dos estudantes, os desafios enfrentados, as dinâmicas sociais dentro da residência, e as expectativas quanto à convivência universitária. A análise desses dados procurou mostrar como os estudantes constroem e entendem suas experiências, revelando as representações sociais predominantes sobre o ambiente universitário e a convivência residencial.

E finalmente, no quinto capítulo, enquadramos a conclusão do nosso estudo e, de seguida, as referências bibliográficas, onde listamos os autores que permitiram a realização deste trabalho. Nas considerações finais, apresentamos os resultados mais importantes da pesquisa, reflectindo sobre as implicações da pesquisa e sugerindo que futuras investigações possam explorar em maior profundidade as variáveis que influenciam a adaptação dos estudantes, como as diferenças culturais, socioeconómicas e de género, para que forneçam um quadro ainda mais abrangente das dinâmicas presentes na residência. Também destacamos o contributo teórico do trabalho onde, com base nos resultados obtidos, apresentamos os desafios enfrentados pelos estudantes na convivência universitária do Tangará e a contradição que existe entre as expectativas e a realidade encontrada no espaço residencial.

Capítulo I - Revisão da literatura

Nesta secção, dedicamo-nos à apresentação de dois estudos que contribuem significativamente para a compreensão das representações sociais sobre a convivência na residência universitária. Alves *et al.* (2012) aprofundam-se nas expectativas dos estudantes ao ingressarem no ensino superior, enquanto Shah (2010) foca na adaptação dos estudantes a esse novo ambiente.

1. A Expectativa como um mecanismo de adequação dos estudantes à realidade na Residência Universitária

Nesta perspectiva, autores como Alves *et al*., (2001) defendem que as expectativas devem ser entendidas como pensamentos acerca do que se espera encontrar na instituição onde se ingressa, e englobam várias dimensões. Estas podem estar relacionadas com o curso, com as relações interpessoais, com o ambiente de estudo e com os recursos disponibilizados pela universidade (Moreno & Soares, 2014). No entanto, o que muitas vezes acontece é que as expectativas não correspondem à realidade encontrada, sendo essa distância entre as expectativas e as vivências conhecida como o "mito do caloiro", que pode causar sentimentos de desilusão e frustração nos estudantes. Deste modo, é essencial que o estudante adeqúe as suas expectativas à realidade e tire o melhor proveito do que lhe é oferecido (Moreno & Soares, 2014) pois, quando as expectativas são reais, o aluno enfrenta melhor as dificuldades e a probabilidade de conclusão do curso aumenta, uma vez que se verifica uma manutenção da motivação e da persistência do aluno (Teixeira *et al*., 2008).

Relativamente às dificuldades enfrentadas no ensino superior, Almeida *et al* (1999) afirmam que o primeiro ano é um período crítico, uma vez que todas as mudanças que ocorrem podem desencadear uma série de problemas como: fraco desempenho académico, abandono dos estudos e ainda o consumo de álcool e/ou outras substâncias. Assim, a instituição deverá desempenhar um papel de suporte para os alunos.

Por outro lado, Almeida (2002) diz que, em Moçambique, o ingresso na Universidade traz consigo uma série de eventos, alguns deles inesperados, o que resulta em uma nova realidade para os estudantes, em termos cognitivos e emocionais. Os dados obtidos a partir das entrevistas com os estudantes revelaram que muitos deles sentem uma forte pressão académica, expressa através de sentimentos de ansiedade, solidão e hostilidade. Além disso, observamos que essa pressão é resultante das exigências do novo ambiente acompanhado por suas normas. Nessa vertente, os estudantes encontram uma realidade completamente

diferente, pois se deparam com indivíduos de diferentes comportamentos (tanto os seus colegas de convívio como professores e outros) que fazem parte do seu novo quotidiano estudantil. Contudo, essa abordagem defende que as expectativas que os estudantes incorporam durante o processo de inserção no novo universo estudantil são, na sua maioria, completamente diferentes da realidade que se vive na residência universitária. Isto é, tudo aquilo que os estudantes colocam como real (a vida privada, a qualidade de vida, o lazer e outros) muitas vezes não corresponde ao que acontece quando eles se inserem nesse universo.

Assim, de acordo com os autores, a realidade a que o universo estudantil representa é contrária ao que os estudantes incorporam nas suas expectativas durante o momento em que pretendem inserir-se, o que faz com que essas expectativas que os estudantes de novo ingresso desenvolvem tornem-se num mecanismo para a sua adequação na residência universitária.

1.1. A Adaptação como um processo de Integração Social dos estudantes na Residência Universitária

De acordo com Shah (2010), viver na residência universitária tem um impacto único na vida dos estudantes, pois torna os estudantes sociais e comportamentalmente diferentes. O embarque numa combinação de diferentes origens culturais ajuda os alunos a viverem com essas diferenças. Além disso, a pesquisa nesta área apoia a noção de que os estudantes que vivem em residências de *campus* organizados tendem a ser socialmente mais ajustados e a participar mais frequentemente em actividades extracurriculares e do *campus*[4] do que os estudantes que vivem fora do mesmo. Ademais, Mimrot (2012) afirma que os alunos que vivem em albergues enfrentam muitos desafios, sejam eles financeiros, problemas de ajustamento, incapacidade de resolução de alguns problemas, angústia pessoal, mudanças nos hábitos alimentares e de sono, entre outros. No entender desses autores, a vida nas residências universitárias influencia as percepções dos alunos sobre a religião e faz com que eles se tornem mais ambiciosos, mais auto-suficientes e confiantes do que outros estudantes. Segundo Minrot (2012), os estudantes em albergues aprendem com a coragem e o espírito

[4]Campus refere-se a um local onde uma instituição ou conjunto de instituições de ensino religiosa ou de investigação científica ou tecnológica tem uma parte ou a totalidade dos seus serviços, nomeadamente: salas de aula e laboratórios. Neste trabalho, Campus refere-se ao espaço onde há concentração dos edifícios, instalações e terrenos da Universidade.

dos outros estudantes, o que pode ajudar os alunos a enfrentar a vida prática com mais confiança.

De acordo com Thakkar (2012), a vida na residência universitária vai mudar a forma como o estudante é (o comportamento e personalidade, pensamento e forma de vestir) pois, nas residências, os alunos estão rodeados por outros estudantes, aproximadamente da mesma idade, com diferentes características, e todos os alunos têm de se ajustar uns aos outros. Para além disso, Iftikhar & Ajmal (2015) afirmam que os alunos nas residências se tornam mais responsáveis, aprendem a cuidar de si mesmos e tornam-se mais sensíveis com os outros, aprendem a evitar atitudes indesejáveis dos outros, organizam melhor o estudo e melhoram as capacidades na resolução de problemas.

Mas também, autores como Diniz & Almeida (2006) e Pascarella & Terenzini (2005) afirmam que se ajustar à universidade implica, assim, integrar-se socialmente com as pessoas desse novo contexto, participando de actividades sociais e desenvolvendo relações interpessoais satisfatórias. A qualidade da relação que o universitário tem com seus pais, durante e mesmo antes do ingresso no ensino superior, é um factor que também influencia a adaptação à universidade. Além disso, jovens que se percebem psicologicamente separados dos pais, mas que têm sentimentos positivos em relação à essa separação, tendem a adaptar-se melhor na universidade, comparativamente aos que se sentem mais dependentes de seus pais em termos psicológicos (Beyers & Goossens, 2003).

Khazaei et al. (2011) entendem que as residências têm espaço limitado para atender as necessidades dos alunos, como dormir, comer, estudar e actividades sociais. No entender deles, os alunos necessitam de se adaptar a esta nova situação que normalmente é diferente das suas casas.

Na mesma linha de pensamento, Teixeira et al. (s/d) afirmam que a vida académica traz muitas mudanças que exigem um esforço de adaptação do indivíduo, seja no sentido de corresponder às exigências de desempenho, mais altas do que no ensino médio, seja no sentido de se adaptar a novas regras da instituição e a novas pessoas, como colegas, professores ou funcionários. A mudança de um ambiente familiar conhecido (a escola) para outro desconhecido (a universidade) parece gerar inicialmente uma sensação de atordoamento, que sugere a perda de referências anteriores.

Contudo, as diferentes perspectivas em torno da adaptação dos estudantes defendidas pelos autores enfatizam a ideia de que, à medida que os estudantes se inserem na residência

universitária, eles enfrentam uma série de dificuldades de integração nesse meio estudantil, podendo recorrer à obediência e aprendizagem das regras de convívio e outros padrões que moldam a conduta humana de modo a facilitar a sua adaptação, tendo em conta que os estudantes se inserem num universo onde vivem alunos de diferentes contextos sociais e de diferentes cursos. Os autores mostram o quão complexa é a questão da adaptação para os indivíduos à medida que se deparam com eventos além da sua compreensão, devendo envolver-se nesse processo para permitir que tenham uma integração completa.

1.2. Problemática

A convivência na residência universitária do Tangará do Campus Principal da UEM é um factor crucial para a integração dos estudantes de novo ingresso. No entanto, as expectativas dos estudantes frequentemente não se alinham com a realidade vivida, gerando uma discrepância que impacta sua adaptação e desempenho académico. Essa disparidade entre as expectativas e a realidade na residência universitária manifesta-se na dificuldade de adaptação dos estudantes de novo ingresso. Enquanto eles esperam um ambiente acolhedor e estruturado, muitos enfrentam pressões sociais, rituais de inserção (calorização) e dinâmicas de convivência complexas, o que pode afectar seu bem-estar emocional e desempenho académico.

A perspectiva sociológica destaca que essas diferenças podem ser moldadas por factores sociais e económicos, como o capital cultural e as condições económicas dos estudantes. De acordo com Marchi (2013), estudos sobre o tema frequentemente privilegiam a visão institucional, o que pode levar à uma compreensão limitada das experiências reais dos estudantes e das dinâmicas sociais na residência universitária.

Partindo do pressuposto de que os actores sociais no contexto de suas interacções percebem as noções e interpretações que dão sentido aos acontecimentos da vida quotidiana, e que a relação com os contextos nos quais se encontram inseridos, com normas e valores decorrentes, notou-se que as representações sociais que decorrem nos diferentes contextos sociais sobre as percepções de convivência são, principalmente, das instituições (família e a sociedade civil) a favor dos estudantes de novo ingresso.

Portanto, a questão central é entender como a disparidade entre as expectativas e a realidade, influenciada por variáveis sociais e económicas, afecta a convivência dos estudantes na residência universitária do Tangará, e como as dinâmicas institucionais podem obscurecer

essas experiências. A pesquisa visa explorar como as representações sociais dos estudantes de novo ingresso são moldadas, e como essas percepções impactam sua adaptação ao ambiente universitário.

1.3. Pergunta de partida

Para melhor compreendermos o nosso estudo sobre a convivência na residência universitária e o seu processo de integração social, a pesquisa propôs a seguinte pergunta de partida:

De que maneira as representações sociais sobre a convivência influenciam a integração social de estudantes de novo ingresso na residência universitária do Tangará?

1.4. Hipótese

As representações sociais sobre a convivência na residência universitária do Tangará estruturam os processos de adaptação dos estudantes de novo ingresso, podendo actuar tanto como facilitadores da integração quanto como barreiras, dependendo daa dinâmicas de aceitação, rituais de passagem e redes de apoio social presentes no ambiente estudantil.

1.5. Objectivo geral

- Compreender como as representações sociais sobre a convivência influenciam o processo de integração social de estudantes de novo ingresso na residência universitária do Tangará.

1.6. Objectivos específicos

- ✓ Conhecer o processo de integração social de estudantes no convívio residencial universitário;
- ✓ Identificar as percepções sociais dos estudantes de novo ingresso sobre a convivência na residência do Tangará;
- ✓ Identificar as dinâmicas sociais e económicas que moldam as representações sociais dos estudantes sobre a convivência universitária;
- ✓ Identificar os principais desafios enfrentados pelos estudantes de novo ingresso sobre a convivência na residência do Tangará.

Capítulo II- Enquadramento Teórico e Conceptual

1. Quadro teórico

Nesta secção, apresentamos a teoria das representações sociais de Serge Moscovici e as representações colectivas de Émile Durkheim, que nortearam nosso estudo. Essas teorias ajudaram-nos a compreender a realidade social sob uma perspectiva científica.

Segundo Macamo (2004):

> *"*Sempre que olhamos para o social, fazemo-lo a partir de uma certa perspectiva. Através dela apreendemos a realidade de forma muito específica. As perspectivas são formas de organização da observação e por meio disso, de organização da realidade social. A perspectiva é como as lentes de óculos: a realidade assume a cor das lentes, se forem verdes, ela será verde, se forem escuras, a realidade, por mais claro que esteja o dia, será também escura*"* (Elísio Macamo, 2004:13).

1.2. Teoria das Representações Sociais

A teoria das representações sociais surgiu do trabalho pioneiro de Serge Moscovici, na sua famosa obra *La Psychanalyse son image et public* (1961). Nesta obra, Moscovici privilegia o estudo da difusão da psicanálise em diferentes âmbitos da população de Paris da referida época. Sem embargo, as primeiras discussões sobre as representações começaram na sociologia clássica de Durkheim, de onde Moscovici buscou os elementos para a elaboração da sua teoria.

Da teoria de Durkheim (1978), Moscovici usou, especificamente, o conceito de representações colectivas que constituem as produções sociais que impõem aos indivíduos como forças exteriores, servindo de coesão social e constituindo fenómenos diversos que abrangem as áreas da religião, ciência, os mitos e até o senso comum.

As representações colectivas de Durkheim (1978) carregavam uma visão holística do mundo, privilegiando o domínio do social sobre o individual e defendendo que o mundo é repleto de representações colectivas na medida em que estas se referem às maneiras pelas quais os grupos se olham entre si nas suas relações com o objecto no quotidiano. A abordagem durkheimiana defende que as representações exprimem realidades colectivas e apresentam-se sob sistemas de ideias e crenças que compõem um sistema de práticas sociais através das quais os indivíduos procuram exprimir a realidade do mundo (Durkheim, 1978).

O sociólogo Émile Durkheim (1970) é, sem dúvidas, um autor fundamental para a construção da Teoria das Representações Sociais, tanto pela herança de suas ideias quanto pela diferenciação teórica que permitiu o aprofundamento desse campo. Sua concepção de "factos sociais", entendidos como padrões de comportamento e pensamento exteriores e coercitivos ao indivíduo, influenciou directamente a compreensão das representações sociais como fenómenos colectivos que estruturam as interacções sociais. Além disso, sua ênfase na coesão social e no papel das instituições como mantedores da ordem social serviu como base para que Serge Moscovici desenvolvesse o conceito de representações sociais, destacando como os saberes colectivos moldam e são moldados pela dinâmica cultural e social.

A partir do conceito de representação colectiva[5] de Émile Durkheim (1970), surge então a noção de representação social que, para Moscovici, é a mais adequada na era moderna para estudar as representações sociais na perspectiva psicossocial, podendo ser tratada nas duas áreas do saber, ou seja, a psicologia e sociologia.

Para Durkheim (1970), o conhecimento de algo externo só é possível através das representações (individuais ou colectivas). Neste sentido, a representação é fundamental, não só para o conhecimento individual, pois conhecemos a partir de representações individuais, como também para a interacção entre duas consciências que se comunicam via representações. No entanto, é nas representações colectivas que a sociologia encontra seu objecto de estudo por excelência. Devido a suas propriedades (exterioridade, generalidade e coercitividade), o indivíduo consegue sentir o poder da sociedade em oposição às suas vontades sociais.

A preocupação central de Moscovici (1978) era de captar os processos através dos quais os indivíduos em interacção social da vida quotidiana constroem teorias sobre objectos que tornam a comunicação e a organização dos comportamentos sociais viáveis.

Segundo Moscovici, a representação é social na medida em que abrange uma colectividade que se encontra intimamente ligada à uma estrutura social determinada e definida, e que resulta da actividade cognitiva e simbólica de um determinado grupo social cujos membros se

[5]Embora Durkheim não tenha dado uma definição directa no seu estudo, o autor entende que a "Representação colectiva" refere-se à maneira como o grupo enxerga a si mesmo nas relações com os objectos que o afectam (Durkheim, 1970).
Tomei (2013) define representações sociais como práticas feitas por um conjunto de indivíduos, em um momento de efervescência. Elas são mais duradouras e podem ser expressas e compreendidas por outros indivíduos. Além disso, possuem um poder coercitivo, que força o indivíduo a cumpri-las. Elas podem ser cristalizadas socialmente, virando leis, por exemplo.

encontram em interacção consigo e com os objectos com que se deparam na vida quotidiana. Portanto, a representação social exprime uma relação entre sujeito e o objecto, onde o sujeito constrói símbolos e significados do objecto (Moscovici, 1978).

Moscovici (1978) faz também menção ao facto de as representações sociais resultarem do saber prático da sociedade, do senso comum e ao facto destas facilitarem a comunicação entre os actores sociais, mediante as suas interrogações à volta dos objectos com os quais interagem. Através das representações, os actores sociais constroem noções e interpretações que dão sentido ao seu mundo. Além disso, podem ser compartilhadas como uma rede de conhecimentos, cuja elaboração se dá a partir das trocas sociais.

Ao conjunto de crenças, valores, atitudes, opiniões e imagens que compõem as representações sociais relacionadas a um objecto, ideia ou pessoa, Jodelet (1989) atribui a função de nortear pensamentos, percepções e comportamentos esperados diante de cada situação, contribuindo "para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (p. 22).

As representações sociais, como teoria, compreendem uma importante dimensão explicativa através da qual se organiza consistentemente um pensamento racionalizado sobre o objecto. Quando um acontecimento é inconsistente com as suas representações, os indivíduos são levados a procurar uma explicação. Por outro lado, a explicação dos acontecimentos tem como cenário as crenças sociais.

Moscovici (1978) busca explicitar como os pensamentos se organizam e se estruturam frente ao contexto social. Para isso, acrescentou novos elementos à concepção de representações colectivas, desenvolvidas por Durkheim, fazendo com que a noção de representações sociais se situasse na interface entre a Psicologia e a Sociologia.

Assim, as Representações Sociais (RS) referem-se à maneira como os indivíduos pensam e interpretam o seu quotidiano, constituindo um conjunto de imagens que permitem interpretar suas vidas, atribuindo sentido à realidade. Ao considerar os projectos mentais subjacentes no estudo das Representações Sociais, leva-se em conta uma concepção de homem, baseada na Psicologia Social, cuja compreensão de mundo é repleta de significados e sentidos construídos activamente, de maneira individual e em grupo – nas relações. Portanto, a teoria permitir-nos-á compreender os significados que o nosso objecto atribui à realidade objectiva que se encontra intimamente ligada aos indivíduos no seu meio social.

Partimos do pressuposto de que a teoria das representações sociais se interessa naquilo que os actores sociais fazem e pensam no seu dia-a-dia, e de que, no contexto das interacções sociais que desenvolvem, constroem noções e interpretações da realidade quotidiana. Esta teoria permitiu captar as noções, significados e interpretações que são construídas pelos estudantes iniciantes sobre a convivência no meio universitário.

Assim, este trabalho fundamenta-se na análise das noções e interpretações construídas no ambiente residencial, compreendendo-as como expressões culturais. A pesquisa busca identificar como os estudantes de novo ingresso interpretam e vivenciam o espaço residencial, considerando tanto o contexto social como o contexto cultural.

1.3. Enquadramento conceptual

Nesta secção do trabalho, tivemos como objectivo fazer a apresentação e clarificação dos conceitos que foram usados ao longo do trabalho, começando, então, por definir o conceito de representações sociais, que serviu de nosso quadro teórico.

1.3.1. Representação social

Segundo Moscovici (1984), as representações sociais referem-se às representações colectivas que os indivíduos constroem sobre o mundo social, que influenciam suas interacções e compreensão da realidade ao seu redor. Estas percepções são formadas através da comunicação e da interacção social, moldando e sendo moldadas pelas normas e valores do grupo social.

Nessa perspectiva, a opinião sobre um objecto pressupõe já uma actividade representativa, um dar de mãos de estímulo e resposta. Pode-se assim entender as representações sociais (RS) como conjuntos dinâmicos que visam a produção de comportamentos e interacções sociais e não a mera reprodução dos mesmos como reacções a estímulos exteriores.

As RS são sociais por serem largamente partilhadas, mas também porque o são na sua essência. Embora na sua construção estejam claramente envolvidas actividades cognitivas e processos intrapsíquicos (mecanismos de projecção, identificação e emoções), dependem da pertença categorial do sujeito, dos seus contextos de vida e de interacção, do seu lugar na estrutura social e evidenciam-se com uma forma de ler o real, dando sentido à vida dos grupos e organizando-os em torno de interesses comuns.

A definição acima dá importância à dimensão cognitiva dos actores sociais, de como constroem realidade social e como vivenciam a tal realidade, excluindo aspectos práticos como a produção do comportamento e a mudança de comportamento na sua relação com os outros. Jodelet (2002) apresenta as representações sociais como uma modalidade de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, com um objecto prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Assim, a autora privilegia os elementos do senso comum e das experiências práticas como constitutivas das representações sociais.

Para Jodelet (1989), a representação social designa um fenómeno de produção dinâmica, quotidiana e informal de conhecimento, o saber do senso comum de carácter prático e orientado para a comunicação, compreensão ou domínio do ambiente social, material e ideal de um determinado grupo, "uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social".

De acordo com a Psicologia, a percepção consiste em uma organização e interpretação dos estímulos que foram recebidos pelos sentidos e que possibilita identificar certos objectos e acontecimentos. Neste estudo usamos a definição de Moscovici (1976) *apud* Castro (2002) e de Jodelet (2002), visto que as duas se mostram úteis para a explicação do fenómeno em discussão na medida em que consideram as representações sociais como um conjunto de valores e noções socialmente elaboradas sobre o objecto social e que se constituem em um instrumento de orientação da percepção e comunicação dos membros de grupo. Assim, esta definição foi usada para captar as noções, percepções e significados dos estudantes sobre a convivência na residência universitária.

Portanto, a teoria das representações sociais foi uma opção para a análise e compreensão do nosso fenómeno social em estudo, pois nos possibilitou compreender como os indivíduos adoptam formas para representar e interpretar a realidade da convivência no universo académico. Dessa teoria, depreendemos as noções, opiniões e pensamentos comuns a este grupo de indivíduos sobre como eles percebem e executam as suas atitudes no meio universitário.

1.3.2. Estudante de Novo Ingresso

De acordo com Morosini (2006), em a *Enciclopédia de pedagogia universitária*, o termo estudante significa aprendente, que designa um sujeito activo e interactivo no processo de construção de significados e sentidos de um determinado assunto, que estabelece relações entre os conhecimentos anteriormente construídos e os novos.

A outra concepção é a que considera um estudante universitário o que estiver matriculado em algum curso superior, seja esse curso presencial ou *online* (EAD). Assim, a partir da definição dada, podemos entender "novo ingresso" como um individuo que sai do ensino médio e dá início à sua carreira profissional no Ensino Superior, onde é dotado de experiências passadas sobre o seu contexto social que vão orientar as suas acções (a maneira de pensar, sentir e agir), tal como concebeu o sociólogo Francês Émile Durkheim em relação aos factos sociais. Contudo, entende-se que esse indivíduo pode ser adolescente ou adulto, dependendo do período de inserção, obtendo aprendizagens sobre o novo modelo de sistema de ensino universitário em que estiver inserido. Entretanto, os estudantes de novo ingresso, dum modo geral, produzem suas acções a partir da visão que lhes é dada aquando da sua integração no universo residencial.

No entanto, Houaiss (2001), formula uma definição mais ampla de estudante, que se refere àquele que frequenta regularmente um curso (de ensino fundamental ou médio, universitário, entre outros) em alguma instituição ou qualquer outro curso livre, no qual se pode adquirir alguma habilidade e/ou conhecimento.

Com base nas definições apresentadas, percebe-se uma forte tendência em vincular o estudante à uma instituição que o constitui e legitima como tal.

1.3.3. Integração social

De acordo com Durkheim, na obra *Da Divisão do Trabalho Social* (1999), a integração social é o processo de socialização em que o indivíduo se sente como membro de um grupo social por partilhar as suas normas, valores e crenças. Através desse processo, as sociedades humanas conseguem reproduzir-se, integrando novos membros à medida que estes aprendem a conduzir-se, respeitando as regras que sustentam cada colectividade, em cada contexto histórico.

Além disso, Durkheim (1999) argumenta que a integração social consiste no processo de introdução de indivíduos ou grupos em contextos sociais maiores, com padrões e normas gerais. Isto é, quanto maior for a integração dentro de uma sociedade, maior será o nível de concordância entre os seus membros e maior será a estabilidade social na comunidade. Apesar de ser um conceito positivo, em alguns casos, quando ocorre uma integração total, é comum haver uma lentidão em processos dinâmicos sociais e, por vezes, uma inaptidão de mudar e de se adaptar a acontecimentos e fenómenos novos.

Apesar de algumas sociedades actuais não fazerem essa distinção, é importante salientar que existem dois tipos de integração: a normativa, que ocorre através da incorporação das normas e valores predominantes; e a funcional, que ocorre graças à dependência mútua entre os seus vários elementos.

Portanto, esse processo dinâmico pode ser observado na residência universitária – um espaço onde vivem estudantes de origem social diferente. Nesta convivência, são recebidos, a cada ano, estudantes de novo ingresso e submetidos a conhecer e aprender as novas formas de viver numa colectividade estudantil. Essas novas formas dizem respeito ao tipo de estrutura social, aos padrões envolventes, normas que regulam o comportamento e aos valores predominantes no espaço a que os estudantes são inseridos. Depois de passarem por esse processo, os estudantes integram-se socialmente através da aprendizagem que é partilhada por uma pluralidade de pessoas do mesmo universo. É aqui onde os estudantes passam por uma ressocialização ou reconstrução identitária, dessa forma, de uma maneira mais racional e consciente – eles mesmos organizam o que é relevante ou não para si enquanto seres pertencentes ao convívio residencial.

Na obra *A Construção Social da Realidade*, Berger e Luckman (2006) definem a integração social como algo que existe desde os primórdios da evolução humana. De acordo com os autores, um ser humano não se insere em uma sociedade de facto, caso esteja sozinho. A ideia de que ele se torne um homem estando isolado é utópica. A construção de uma sociedade provém da relação entre um grupo de indivíduos, ou seja, o processo de socialização inicia quando uma comunidade interage entre si, criando hábitos, costumes e, por fim, regras a serem seguidas. Dessa forma, analisam a actividade humana como conduta no ambiente material e também na exteriorização de significados subjectivos, além de afirmarem que toda actividade humana está sujeita a hábitos.

Para Berger e Luckman (2006), a assimilação desses hábitos cria diferentes vertentes de pensamentos, formando culturas díspares ao longo do tempo. Ainda na obra, é explanada a ideia de que, em conjunto, os homens produzem um ambiente próprio, miscigenando suas formações sociais e psicológicas.

Capítulo III - Metodologia

Este capítulo apresenta a metodologia que foi usada na elaboração da presente monografia. Aqui são apresentados os procedimentos e abordagens metodológicas seguidos, bem como as técnicas que foram usadas no processo de recolha de dados.

A pesquisa foi realizada na residência universitária do Campus Principal da UEM, na Cidade de Maputo.

Para se proceder com a pesquisa, propusemos um preenchimento por questionário que foi aplicado a um grupo de estudantes. Optámos por este método de preenchimento por questionário porque nos permitiu colectar informações directas e diversificadas sobre as percepções e experiências dos estudantes de novo ingresso de forma prática e eficiente. A aplicação do questionário foi precedida pelo pedido de consentimento informado aos estudantes, e asseguramos o carácter voluntário da sua participação e garantia da confidencialidade dos dados obtidos.

Os estudantes foram seleccionados aleatoriamente e solicitados a responder ao questionário em seus momentos de folga, dedicando cerca de 25 a 30 minutos à actividade. A sua participação avançou a partir do momento que estes expressaram o seu consentimento informado. Após compilação dos dados por pergunta, organizamo-las por categorias para que cada uma dessas perguntas tomasse o seu próprio objectivo.

1. Método de procedimento

Como método de procedimento, escolhemos uma pesquisa qualitativa, que procurou descrever as visões, noções e interpretações dos estudantes de novo ingresso sobre a sua convivência no meio universitário como forma de captar as significações dos mesmos, assim como a forma como elas são produzidas. Esta metodologia também permitiu captar as percepções e práticas sociais (motivações, inspirações, crenças, valores e atitudes) e perceber em que medida os estudantes de novo ingresso estão envolvidos nesse meio residencial que conseguem captar e expressar a realidade (Minayo, 2001).

1.1. Método de abordagem

Quanto ao método de abordagem, a pesquisa utilizou o método hipotético-dedutivo que, de acordo com Demo (2000), permite fazer a construção do objecto de estudo de forma a

perceber como os estudantes de novo ingresso constroem os significados ou noções no meio estudantil em que se encontram inseridos.

1.2. População e delimitação da amostra

O universo populacional consistiu em 4500 estudantes de novo ingresso inscritos à universidade, dos quais apenas 22 estudantes que convivem na residência universitária fizeram parte da nossa amostra, com idades compreendidas entre os 17 e 25 anos do sexo masculino e feminino.

1.3. Técnicas de amostragem

Usamos a amostragem por *acessibilidade ou conveniência* (Gil, 2008) neste trabalho. Este tipo de amostragem permitiu-nos definir os mecanismos para cada elemento que constituiu a amostra, neste caso, aos estudantes de novo ingresso que foram seleccionados e entrevistados (Gil, 2008, p. 94).

A selecção dos 22 estudantes entrevistados foi realizada por acessibilidade, considerando as condições específicas da residência universitária do Tangará. Nem todos os estudantes de novo ingresso permanecem nessa residência, pois muitos são transferidos para outras, de acordo coma localização de suas faculdades. Além disso, a pesquisa ocorreu durante um pedido de férias compulsivas, em que os residentes foram obrigados a retornar às suas províncias, limitando o número de participantes disponíveis. Diante dessas restrições, a técnica de amostragem por conveniência foi mais adequada para acessar os estudantes presentes no momento da pesquisa. Tivemos que fazer um comunicado aos Presidentes das residências dentro do Tangará e estes indicam-me os estudantes e de seguida, interagi com os participantes a que tivemos acesso individualmente para que se tornasse possível a realização das entrevistas.

Neste estudo, a amostragem por conveniência não permitiu fazer nenhuma generalização sobre a realidade em estudo. Para Gil (2008), este tipo de amostragem constitui a menos rigorosa de todos os outros tipos.

1.4. Técnicas de colecta de dados

Como técnicas de recolha de dados, privilegiamos as entrevistas **semiestruturadas** para a recolha de dados, baseada num guião previamente elaborado. Entretanto, à medida que

entrevistávamos, acrescentamos, em algumas entrevistas, perguntas adicionais, tornando possível o maior alcance do objectivo da pesquisa e abandonamos as que se mostraram irrelevantes, de acordo com os comentários e respostas que íamos obtendo dos nossos entrevistados.

Esse tipo de entrevista também permitiu captar e recolher depoimentos e opiniões dos estudantes sobre a convivência na residência do Tangará, no Campus Principal da UEM, na Cidade de Maputo. Portanto, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas mediante observação directa – esta que consiste no registro de comportamento ou os eventos à medida que acontecem, sem intervenções ou modificações. Ela visa captar dados de forma natural e espontânea no contexto real onde ocorrem os fenómenos estudados.

No sentido de responder aos objectivos gerais da investigação, o instrumento foi constituído por duas partes: a primeira parte integra questões abertas com vista a identificar o universo semântico (ou conteúdos representacionais) que estruturam as ideias (pensamentos), sentimentos e imagens (metáforas) em relação aos estudantes de novo ingresso; a segunda parte foi constituída por um questionário estruturado (perguntas fechadas) com diversos indicadores, de modo a identificar as dimensões explicativas da representação do novo ingresso, as crenças sobre novo ingresso e as atitudes.

1.5. Pesquisa bibliográfica

Esta é uma das técnicas nas quais o nosso trabalho se baseou. Neste ponto, fizemos uma consulta à bibliografia acessível na internet em diferentes documentos, como artigos, manuais e até mesmo em *sites* de pesquisa académica.

Também produzimos o trabalho a partir da pesquisa documental – que se assemelha muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas pesquisas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se baseia nas contribuições de diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objectivos da pesquisa.

1.6. Procedimento de recolha de dados

Os questionários foram feitos individualmente nos locais de preferência dos entrevistados, de modo a que se evitasse o risco de estes terem as suas respostas influenciadas pelos outros participantes.

Para a administração das entrevistas, foi utilizada a língua portuguesa para que facilitasse a percepção das perguntas, assim, padronizando a língua para os depoimentos que iam sendo dados por cada participante. Antes de iniciarmos com as entrevistas, explicamos aos entrevistados qual era o nosso interesse e o objectivo da nossa pesquisa.
O nosso estudo foi realizado apenas aos estudantes de novo ingresso que fazem parte do universo residencial do Tangará, com idades compreendidas entre os 17 e 25 anos.

Este estudo foi produzido dentro do meio estudantil, direccionado aos estudantes de novo ingresso, com diferentes cursos, idades, região de origem e de ambos os sexos, na Residência n^0 9 – onde vivem os rapazes e na Residência n^0 7 – onde vivem as raparigas.

Para termos acesso aos estudantes, tivemos de interagir com os presidentes das duas residências destacadas acima, tendo em conta que eles representam o Departamento de Alojamento responsável pelas residências, pois estes forneceram-nos informações sobre os estudantes de novo ingresso. Isto é, a partir da autorização da Direcção dos Serviços Sociais.

1.7. Técnica de análise de dados

Como técnica de análise de dados, usamos a análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (1979), refere-se a um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo, mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. Durante o procedimento de colecta de dados, todas as entrevistas foram realizadas com base em um guião estruturado e com o consentimento prévio dos participantes, e foram complementadas por depoimentos escritos, obtidos através de um questionário, cujas perguntas foram organizadas em categorias par facilitar a obtenção de informações.

1.8. Critérios de inclusão

Seleccionamos apenas estudantes que fazem parte da UEM e são considerados "novos ingressos" – estudantes que frequentam o primeiro ano e que também estejam residindo no mesmo espaço residencial do Tangará. O outro aspecto com qual trabalhamos foi a idade dos estudantes, compreendidas entre os 17 e 25 anos, tanto do sexo masculino como do sexo feminino.

1.9. Critérios de exclusão

Apesar de os estudantes possuírem características semelhantes e específicas para o nosso estudo, não seleccionamos estudantes universitários que vivem fora da residência do Tangará, mesmo sendo estudantes de novo ingresso.

1.10. Questões éticas

Esta é uma etapa muito importante na produção de um trabalho de pesquisa, pois o pesquisador deve sempre agir de forma ética para garantir a validade e a credibilidade de seus resultados. Assim, numa primeira instância, demos uma explicação clara e objectiva sobre a pesquisa que pretendíamos desenvolver e que dados colectaríamos. De seguida, fizemos um pedido de consentimento informado, como forma de pedir autorização aos participantes da nossa pesquisa, de modo a utilizarmos os dados na nossa investigação com o seu consentimento. Não obrigamos os participantes a aceitarem ou permanecerem na entrevista sem que estes se sentissem confortáveis no processo. Os participantes estiveram livres de decidir a sua permanência ou continuidade na nossa pesquisa durante o período de recolha de dados.

Para esse efeito, ocultamos a identidade dos participantes no processo de obtenção de dados, garantindo que as informações não se tornassem vulneráveis e divulgadas sem o seu consentimento, evitando a não criação de prejuízos e danos à imagem, assim como a ética e integridade da pessoa.

1.11. Constrangimentos da pesquisa

No decorrer da pesquisa, deparamo-nos com algumas dificuldades marcantes: o primeiro constrangimento foi a dificuldade de encontrar literatura que se enquadra ao nosso objecto de estudo, sobretudo a dificuldade de encontrar definições de alguns conceitos pertinentes ao estudo e ao nosso interesse, bem como o acesso aos materiais para a consolidação da revisão

da literatura sobre estudantes de novo ingresso enquanto membros do convívio residencial universitário do Tangará – Campus Principal da UEM.

Outro desafio que constatamos durante a administração de entrevistas diz respeito à indisponibilidade dos estudantes do sexo feminino na residência universitária do Tangará, uma vez que iniciamos o nosso estudo num período de férias compulsivas de duas semanas, que reduziu a participação deste grupo. E, para a ocorrência de outras entrevistas, tivemos de procurar os estudantes por cada dormitório na residência universitária para que pudéssemos realizar a pesquisa com mais flexibilidade, mas alguns se encontravam ausentes. Ademais, durante as entrevistas, alguns estudantes demonstravam timidez em responder perguntas mais pessoais, o que resultou em uma participação mais reservada e limitada.

E, por último, à medida que íamos fazendo as primeiras entrevistas, sentimos algum tipo de recusa por causa da pressa que os estudantes mostravam durante as interacções, pois demonstravam estar ocupados com as suas actividades pessoais, tendo proposto um modelo de questionário para que cada um individualmente respondesse de modo a tornar os dados mais fiéis, de maneira particular. Entretanto, consideramos esse passo positivo pela flexibilidade e colaboração dos participantes na recolha de dados.

Capítulo IV

1. Apresentação, Análise e Interpretação dos Dados

Na presente secção, apresentamos os dados obtidos durante a realização do trabalho de campo, e é feita a análise e a respectiva interpretação dos dados. Assim, os dados em análise estão organizados da seguinte maneira: (i) a situação geo-espacial da residência universitária do Tangará; apresentação do perfil sociodemográfico dos estudantes de novo ingresso;

1.1. A situação geo-espacial da residência universitária do Tangará

A residência universitária do Tangará está localizada na cidade de Maputo-Moçambique, entre a rua da França e Coop, no Campus Principal da UEM. A residência universitária do campus principal da UEM em Maputo é composta por vários edifícios que abrigam estudantes de diferentes cursos e níveis de estudo. A distribuição da residência é projectada para acomodar um grande número de estudantes, oferecendo espaços de convivência e estudo.

Apresentando uma distribuição geral, a residência é composta por (i) blocos de edifícios: a residência é dividida em vários blocos por género, cada um com capacidade para um número específico de estudantes, onde: a Residência 6 (a dos homens mais antigos) abriga um total de 264 estudantes, a Residência 7 (a das mulheres de todos os níveis) abriga um total de 336 estudantes e a Residência 9 (a dos estudantes mais novos), abriga um total de 88 estudantes; (ii) e quartos – que são compartilhados por um número de estudantes que varia de 4 a 8 por residência.

Cabe referirmos que a divisão em residências 6 e 9 (para rapazes) e 7 (para raparigas) não é apenas uma logística de alocação de estudantes, mas também reflecte uma prática social tradicional de separação entre homens e mulheres, algo que ressoa em muitas culturas. Com base nessa separação, tanto as mulheres dum lado como os homens do outro lado, embora haja interacção entre ambos sexos, estabelecem-se e orientam-se de maneiras distintas, no que diz respeito ao seu modo de agir.

A residência universitária do Tangará possui uma capacidade de alojar cerca de 700 estudantes. Essa distribuição permite a organização social e estrutural da residência para a convivência dos estudantes universitários, facilitando assim no acesso a interacção entre os demais estudantes que convivem no mesmo espaço (DSS, 2024).

1.2. Perfil sociodemográfico dos estudantes de Novo Ingresso

O presente estudo foi realizado na residência universitária do Tangará, privilegiada pela própria universidade – UEM. Entretanto, cabe-nos apresentar o perfil dos nossos entrevistados.

Os nossos entrevistados são provenientes das regiões centro, norte e sul do país, dos quais 12 são do sexo masculino e 10 são do sexo feminino, divididos em cursos diversificados, com idades que variam entre os 17 e 25 anos, segundo a descrição que se segue: Zambézia-07; Tete-01; Manica-01; Sofala-02; Niassa-01; Nampula-03; Cabo Delgado-02; Gaza-03; Maputo-1; Nampula-1.

É de destacar que as nossas entrevistas foram administradas de forma intencional, e os nossos entrevistados estavam constituídos segundo os seguintes cursos: Serviço Social (2); Biologia Aplicada (2); Física (1); Línguas Bantu (2); Ensino de Português (2); Linguística (2); Agronomia e Extensão Agrária (1); Engenharia Agronómica (1); Medicina (2); Geologia Aplicada (1); Engenharia Florestal (1); Ensino de Francês (1); Ensino de Inglês (1); Química Industrial (1); Línguas Bantu (1); Sociologia (1).

As nossas entrevistas revelam que os estudantes se comunicam através da língua portuguesa, apesar de usarem outras línguas quando se cruzam com estudantes da mesma origem étnica. Nossos dados mostram que o alojamento desses estudantes não obedece critério de origem. Excepções podem ocorrer quando estudantes solicitam transferência para outras residências devido à distância das suas faculdades.

Os outros aspectos ligados ao perfil dos nossos entrevistados revelam que a maioria deles é dependente das bolsas de estudo (da comida do refeitório, do alojamento e da subvenção atribuída pela universidade) e que as suas famílias não dispõem de condições favoráveis para o seu sustento. E outros, a minoria, dependem dos seus pais e, também, das bolsas de estudo para a provisão das suas necessidades enquanto estudantes na residência universitária.

1.3. Processo de inserção social dos estudantes na residência universitária

Vamos analisar os desafios e as dinâmicas de adaptação, incluindo aspectos como a construção de redes sociais, a negociação de normas de convivência, e a criação de um senso de pertencimento. Exploramos também como as representações sociais dos estudantes de

novo ingresso são influenciadas pelas condições socioeconómicas e culturais, assim como pelas expectativas individuais e colectivas sobre a vida universitária.

1.4. A calorização como estratégia para integrar os estudantes na convivência universitária

Os nossos entrevistados afirmaram que, para serem considerados como membros da convivência universitária, tiveram de passar por um processo de calorização – aqui entendido como um rito de passagem que desempenha um papel simbólico e social significativo, dividido por Gennep (1960) em três fases: separação, transição e incorporação.

De acordo com os depoimentos, a calorização representa a fase de transição, onde os novos estudantes se encontram em um estado liminar, nem pertencendo plenamente ao grupo, nem estando completamente fora dele. Por outro lado, os depoimentos mostram que, embora o rito de calorização possa servir como um meio de criar laços e um sentimento de pertencimento, ele também pode funcionar como uma barreira simbólica, gerando sentimento de exclusão.

Pesquisas sobre a socialização de estudantes universitários mostram que rituais como a calorização servem tanto para integrar como para reforçar as hierarquias dentro da comunidade estudantil (Elliott, 2014). Esses rituais, que variam de acordo com o contexto cultural e institucional, muitas vezes envolvem práticas que os novos ingressos devem realizar para serem aceites. Embora possa promover um senso de pertencimento e identidade grupal, também podem gerar stresse, ansiedade e sentimentos de exclusão para os que não se adaptam ou não aceitam essas práticas.

Em estudos sobre trote e rituais de iniciação em residências universitárias, como o de Oliveira e Queiroz (2010), há evidências de que esses processos podem causar danos emocionais, como ansiedade, baixa auto-estima e até depressão, especialmente quando envolvem práticas humilhantes ou violentas. Embora os depoimentos apresentados pelos entrevistados não mencionem explicitamente essas práticas extremas, o desconforto relatado sugere um impacto emocional negativo associado ao ritual de calorização.

> *"Posso dizer que não foi de uma boa maneira. Para ser considerado membro, tive de passar por um processo chamado calorização: somos submetidos a algumas actividades obrigatórias como aceitar todos pedidos que os estudantes antigos fazem (conquistar mulheres para eles, cozinhar, etc.,) ".*
>
> (Estudante, Serviço Social, 17 anos, 1^0 Ano, Residência 9, Zambézia)

No depoimento abaixo, os estudantes destacaram uma recepção mista na residência universitária, afirmando sentirem-se desconfortáveis por um lado, e por outro, confortáveis. A parte negativa é atribuída ao processo de calorização – que é uma forma de baptismo feito pelos estudantes antigos – conhecidos como "mazas".

> *"Primeiro, a minha recepção foi agridoce. Não foi positiva porque, segundo os padrões estabelecidos na residência, os novos ingressos devem passar por uma calorização – carregar lixo para o depósito da residência, não negar quando somos mandados. E foi assim que fomos considerados membros da residência".*
>
> (Estudante, linguística, 18 anos, 1^0 Ano, Residência 7, Niassa)

Estudos de Stuber (2009) indicam que práticas de integração social, como os ritos de passagem, muitas vezes criam uma dualidade entre inclusão e exclusão. Os estudantes são compelidos a adaptarem-se a normas e valores que, embora legitimem sua presença no grupo, também podem aliená-los caso resistam ou discordem desses processos.

No caso do depoimento apresentado, a calorização representa uma experiência ambígua: necessária para a integração, mas potencialmente prejudicial para a construção de um ambiente de respeito e acolhimento.

Portanto, o processo de calorização, no contexto da residência universitária, é compreendido como uma forma de ritualização que desempenha um papel crucial na integração dos novos estudantes. Através desse rito, os estudantes de novo ingresso passam por uma transformação social e são formalmente aceites na comunidade estudantil, o que ajuda a garantir a coesão social, a conformidade com as normas e o estabelecimento de uma identidade colectiva dentro da residência.

Para além disso, as práticas de calorização e baptismo ajudam a estabelecer claramente as normas e limites dentro da comunidade estudantil, de modo a garantir que todos os membros estejam alinhados com as expectativas sociais e comportamentais da convivência.

1.4.1. Os estudantes tornam-se membros da convivência universitária a partir das interacções sociais

Segundo os depoimentos, os estudantes destacam diferentes aspectos das interacções sociais e a importância de normas e redes de apoio, evidenciando a natureza colaborativa da vida em comunidade, onde consideram a comunicação como uma componente essencial para a construção de laços sociais. Durkheim (1995) advoga que as interacções sociais são

fundamentais para a coesão social, ajudando os indivíduos a desenvolverem um senso de pertencimento e identidade colectiva.

Os estudantes usam a conversa como uma ferramenta útil para estarem conectados uns aos outros na convivência universitária:

> *"Conversando com os outros membros da residência, interagindo com os membros dos quartos, criando amizades e muito mais…".*
>
> (Estudante, Biologia, 18 anos, 1^0 Ano, Residência 9, Zambézia)

Assim, os entrevistados vêem a interacção social como elemento crucial na sua socialização, pois é nela onde os indivíduos apreendem e internalizam normas, regras e valores da convivência, contribuindo para a consolidação da cultura estudantil (Berger & Luckmann, 2006; Mead, 1934).

Um estudo de Terenzini et al. (1996) defende que a interacção entre estudantes, especialmente em ambientes residenciais, está associada a um maior envolvimento académico e a um melhor desempenho escolar. O autor também argumenta que factores como a qualidade das interacções com colegas e amigos na residência universitária, o envolvimento em actividades extracurriculares e o apoio institucional são factores cruciais na experiência dos estudantes.

Assim, o ambiente residencial é enfatizado como um espaço que promove um maior engajamento académico e uma interacção mais intensa entre pares, o que se mostra essencial para a construção de uma rede de apoio social e académico.

Vejamos a seguir como a prática do desporto é um processo importante que facilita a inserção dos estudantes. O depoimento abaixo mostra que os estudantes se tornam membros justamente por estarem envolvidos de maneira activa na relação com outros estudantes na convivência universitária, onde o desporto se mostra essencial nesse processo:

> *"Para me tornar membro da residência universitária, tive de me relacionar activamente e passivamente com os outros membros. O desporto ajudou-me a ter várias relações e esse foi um ponto imprescindível neste processo".*
>
> (Estudante, Serviço Social, 19 anos, 1^0 Ano, Residência 9, Sofala)

Complementando o estudo anterior (Terenzini, 1996) com estudos de Astin (1993), este último enfatiza que o ambiente universitário oferece uma oportunidade única para maximizar

o envolvimento, pois facilita interacções sociais intensivas e o acesso a recursos académicos. Ambos os autores concordam que as residências universitárias desempenham um papel vital na socialização dos estudantes, na construção de redes de apoio e no desenvolvimento de um senso de comunidade, factores essenciais para o processo de integração e adaptação dos novos ingressos.

Podemos depreender através dos depoimentos que a interacção que os estudantes estabelecem com outros membros são elementos essenciais desse processo de socialização. Essas interacções permitem ao individuo aprender as regras informais de convivência e os comportamentos esperados dentro da residência, contribuindo para a integração do grupo e a formação de laços sociais.

No caso que se segue, há que nos referirmos que os estudantes consideram a presença de um sistema de padrões e normas, onde a punição é vista como um dos elementos fundamentais da convivência. Assim, quem não segue os padrões é sancionado como forma de conscientização das regras estabelecidas pelo grupo. A socialização na residência é regida por regras que visam manter a ordem e a harmonia. Goffman (1963) discute a importância das normas sociais e das expectativas de comportamento em ambientes colectivos, sugerindo que a conformidade com essas normas é essencial para a aceitação social.

> *"Para me tornar membro da convivência na residência universitária, socializei-me de forma correcta, neste caso, seguindo os padrões e normas. Quando você não obedece os padrões da convivência universitária, é punido de modo a não repetir".*
>
> (Estudante, Biologia Aplicada, 18 anos, 1º Ano, Residência 7, Cabo Delgado)

As investigações mais recentes de Sousa et al. (2018) sobre "Resistência e Reconfiguração das Práticas" mostram que há uma tendência crescente entre os estudantes de resistir a esses rituais e propor formas alternativas de integração que sejam mais inclusivas e respeitosas. Essa resistência pode levar à transformação das práticas de socialização, reflectindo uma mudança nas representações sociais sobre o que significa ser parte de uma comunidade universitária. No entanto, a pesquisa de Braxton *et al*. (2000) aponta que o cumprimento de normas sociais e a conformidade com os padrões estabelecidos na comunidade académica podem influenciar positivamente a retenção dos estudantes e a sua sensação de pertencimento. Assim, os estudantes mostram-se abertos a seguir as regras da convivência como forma de facilitar a sua integração na residência universitária, e também reconhecem a

importância de seguí-las, sob o risco de serem sancionados, caso não as tomem em consideração.

No depoimento a seguir, podemos depreender que os estudantes destacam um sentimento de pertença à medida que encontram pessoas conhecidas na sua associação, flexibilizando o processo de integração, conforme ilustra o trecho abaixo:

> *"O que me ajudou a socializar-me foi ter conhecido pessoas da minha cidade e participar da associação AENAZA – Associação de Estudantes Nativos da Zambézia".*
>
> (Estudante, Português, 18 anos, 1^0 Ano, Residência 9, Zambézia)

O trecho acima ilustra como as redes sociais e a cultura compartilhada podem facilitar a integração. Segundo Putnam (2000), as redes sociais desempenham um papel crucial na construção de capital social, proporcionando apoio e recursos que ajudam os estudantes a adaptarem-se melhor ao novo ambiente.

Ademais, um estudo conduzido por García-Moya et al (2018) analisou como os estudantes universitários que se identificam com grupos culturais ou geográficos têm maior facilidade de adaptação e melhores resultados académicos. Esses grupos fornecem um espaço seguro para discutir experiências compartilhadas e desafios específicos, promovendo um sentimento de solidariedade e apoio mútuo.

Portanto, a participação na Associação dos Estudantes Nativos da Zambézia é vista pelos estudantes de novo ingresso como uma maneira de reforçar representações sociais compartilhadas e consolidar uma identidade grupal que fornece um sentido de continuidade e segurança em um novo ambiente como residência universitária.

Segundo Moscovici (1961), a socialização em ambientes novos é facilitada pela criação de representações sociais compartilhadas, que ajudam os indivíduos a sentirem-se pertencentes ao grupo. No depoimento que se segue, a interacção com pessoas que compartilham a mesma língua e a participação em grupos de estudo evidenciam a importância de laços culturais e académicos na construção de uma convivência harmoniosa. Esses elementos não apenas ajudam na adaptação ao espaço residencial, mas também criam redes de suporte que promovem a solidariedade e o fortalecimento das relações interpessoais no ambiente universitário.

"O que contribuiu muito para eu me adaptar foi conhecer estudantes que falam a minha língua materna e fazer parte do grupo de estudos do meu curso, onde compartilhamos ideias e ajudamos uns aos outros com as matérias".

(Estudante, Economia, 18 Anos, 1^0 Ano, Residência 7, Nampula)

Tinto (1993), no seu estudo sobre integração académica e social, argumenta que a adaptação em ambientes universitários é mais eficaz quando os estudantes encontram comunidades que compartilham valores ou experiências semelhantes. Nesse contexto, encontrar colegas que falam a mesma língua ou compartilham a mesma origem cultural pode ser um factor crucial para fortalecer o senso de pertencimento e reduzir sentimentos de isolamento.

Além disso, Reis & Martins (2015), nos estudos sobre redes sociais em residências universitárias, mostram que interacções baseadas em afinidades culturais ou académicas são essenciais para criar um ambiente acolhedor. Essas redes ajudam os estudantes a enfrentar desafios como a saudade de casa, o isolamento e as dificuldades académicas, contribuindo para a construção de representações sociais positivas do espaço residencial.

1.5. Representações sociais dos estudantes sobre a convivência na residência universitária

Neste subcapítulo, buscamos examinar como os estudantes constroem e compartilham conhecimentos que estruturam sua convivência, analisando as formas como eles interpretam, reproduzem e transformam a realidade social no contexto da residência universitária.

As representações sociais são aqui entendidas como formas de conhecimento socialmente elaboradas e compartilhadas pelos estudantes de novo ingresso, contribuindo assim para a construção da realidade da convivência universitária. Neste contexto, refere-se à maneira como os estudantes, em particular, e os indivíduos, no geral, percebem os significados e os valores das coisas enquanto membros da residência universitária. Essas percepções sociais não devem ser vistas desligadas do contexto em que ocorrem, pois acontecem em contextos marcados por diferenças sociais, económicas e individuais (Sousa e Oliveira, 2002).

1.5.1. O respeito é a base para uma boa convivência

Os nossos entrevistados revelaram que, embora haja conflitos e brigas inesperados entre os estudantes no convívio universitário, a convivência não deixa de ser boa e tranquila, uma vez que os integrantes sempre procuram olhar o respeito e a dignidade como valores essenciais

para a manutenção e equilíbrio da convivência, principalmente através do apoio mútuo que tornam a residência um ambiente de solidariedade.

Mesmo havendo conflitos na convivência universitária, os nossos entrevistados conseguem resolvê-los através do diálogo, respeitando o ambiente de estudos, pois consideram os problemas inevitáveis. Os estudantes consideram a residência como um ambiente normal de convivência, havendo sempre mecanismos sociais eficazes para lidar com eles, como as reuniões de aconselhamento moral desenvolvidas por outros estudantes.

No entanto, a menção de conflitos e a importância da sua resolução, destacada pelos entrevistados, indicam que a convivência é uma construção contínua, não isenta de desafios, mas que proporciona desenvolvimento pessoal e comunitário:

> *"Pelo tempo de estadia e pela experiência que adquiri até agora, pude observar que a convivência na residência universitária do Tangará é boa, pois todos os residentes procuram tratar-se com cordialidade. Além disso, o respeito e a dignidade são factores extremamente importantes nesse processo. Por fim, o espírito de entreajuda tem-se manifestado de forma significativa."*
>
> (Estudante, Línguas Bantu, 18 anos, 1º Ano, Residência 9, Manica)
>
> *"A convivência é boa: a gente ajuda-se em tudo o que necessita, temos tido alguns conflitos, mas acabamos resolvendo da melhor maneira possível."*
>
> (Estudante, Medicina, 18 anos, 1º Ano, Residência 7, Nampula)
>
> *"A convivência na residência universitária do Tangará é óptima, isto porque os estudantes se sentem mais conectados e apoiados em sua universidade, e ajuda-nos a ter uma experiência positiva e significativa".*
>
> (Estudante, Física, 18 anos, 1º Ano, Residência 9, Alto Molocué)

A partir dos depoimentos acima, podemos depreender que a convivência entre os estudantes é construída de maneira colectiva, onde são moldadas a forma como os indivíduos interpretam e compartilham experiências no seu quotidiano (Moscovici, 1961), tanto que a dignidade, o respeito, o espírito de entreajuda e, claro, a resolução de conflitos no meio estudantil são os valores predominantes no espaço residencial. Neste caso, os residentes procuram sempre monitorar uns aos outros e auto-regulam-se para evitar comportamentos que podem perturbar a paz social.

Um estudo de Almeida & Silva (2018) analisou o impacto da convivência em residências universitárias na formação de redes de solidariedade entre estudantes de diferentes origens sociais, onde os autores destacaram que o respeito e o espírito de entreajuda são fundamentais para a criação de uma convivência harmoniosa, especialmente em contextos de diversidade cultural. Além disso, observaram que práticas de mediação de conflitos desempenham um papel crucial na manutenção da coesão no ambiente residencial. Assim, os autores evidenciam que a interacção diária e a troca de experiências entre estudantes são essenciais para moldar valores predominantes no espaço residencial, reforçando a importância de solidariedade para a convivência harmoniosa.

Por outro lado, uma outra pesquisa de Ferreira & Santos (2020) investigou a dinâmica de convivência em residências estudantis, com foco na gestão de conflitos e na promoção de valores como dignidade e respeito. Os autores concluíram que a implementação de normas colectivamente construídas e espaços de diálogo entre os residentes favorecem a resolução pacífica de disputas e reforçam o sentimento de pertença e cooperação.

Os depoimentos acima referidos enfatizam o apoio mútuo, onde os estudantes constroem uma imagem da residência como um espaço de acolhimento e integração, fundamental para a sua adaptação ao ambiente universitário.

1.5.2. A separação das residências ajuda a regular a convivência

Os nossos entrevistados afirmaram haver uma estrutura em termos de separação das residências masculinas e femininas no mesmo espaço universitário. Embora as residências estejam próximas umas das outras, elas impõem uma divisão e regulação das interacções baseadas no sexo. O outro aspecto importante da vida comunitária revelado pelos entrevistados mostra que os quartos são compartilhados por uma média de 4 a 8 estudantes, como forma de manter os indivíduos socializados entre si, onde podem aprender e partilhar suas experiências com os demais membros.

> *"A convivência na residência universitária do Tangará funciona da seguinte maneira: temos a R6, R7 e R9, onde R6 e R9 representam as residências dos rapazes e R7 das raparigas, onde, em cada quarto, vivem quatro (4) ou mais estudantes. Essa separação permite que nós possamos comunicar-nos para nos conhecermos melhor".*
>
> (Estudante, Agronomia e Extensão Agrária, 19 anos, 1º Ano, Residência 7, Zambézia)

Em *A Produção do Espaço* (1974), Henri Lefebvre argumenta que o espaço não é neutro, mas sim um constructo social e culturalmente carregado, reflectindo e reforçando valores e interacções sociais, uma vez que a forma como os estudantes interpretam essa divisão espacial enquadra suas representações sociais do que constitui uma convivência adequada. Para além disso, o autor afirma que o espaço compartilhado, como uma residência universitária, torna-se num cenário onde representações de convivência adequada são manifestadas e adaptadas conforme as práticas colectivas dos indivíduos.

As normas de separação por sexo e o compartilhamento de quartos reflectem valores implícitos sobre privacidade, moralidade e colaboração. Essas representações influenciam a maneira como os estudantes vivenciam a vida na residência, moldando suas expectativas e comportamentos em relação à comunidade estudantil.

Podemos depreender que os entrevistados afirmaram que a separação dos espaços por sexo ajuda a regular o comportamento, pois permite que as normas de convivência sejam mais facilmente compreendidas e respeitadas pelos colegas, criando um ambiente mais tranquilo e com menos conflitos.

> *"A convivência na residência universitária da UEM funciona de maneira organizada, com divisões específicas para rapazes e raparigas. Por exemplo, a R6 e R9 são destinadas aos rapazes, enquanto a R7 é destinada às raparigas. Em cada quarto, vivem entre quatro (4) a oito (8) estudantes".*
>
> (Estudante, Línguas Bantu, 19 anos, 1º Ano, Residência 9, Sofala)

De acordo com a pesquisa de Lima (2019), ambientes organizados e com normas claras de convivência favorecem a redução de conflitos, proporcionando um espaço mais harmonioso para socialização e aprendizado. A separação pode, assim, ajudar a regular comportamentos, pois limita a exposição a dinâmicas que poderiam gerar distracções ou desentendimentos. Além disso, como observam Almeida & Silva (2018), a divisão de espaços é uma forma de preservar a identidade e o bem-estar individual, criando uma atmosfera que promove respeito mútuo entre os residentes.

1.6. Dinâmicas sociais e económicas na construção das representações sociais dos estudantes sobre a convivência

Neste título vamos mostrar como as experiências prévias dos estudantes, moldadas pelos contextos sociais e económicos, influenciam suas representações, comportamento e

interacções no novo ambiente universitário. Isto implica ilustrar como os estudantes formam suas representações sobre a convivência com base em influências externas (família, comunidade, origens) e internas (interacções com colegas e vivências no ambiente da residência).

1.6.1. A valorização da convivência universitária e do suporte familiar como base para viver na residência

Os depoimentos dos nossos entrevistados indicam que tanto o suporte familiar como a interacção com colegas são elementos centrais nas decisões e experiências dos estudantes na residência, uma vez que são influenciados por valores sociais.

O depoimento a seguir revela que a escolha de viver na residência universitária foi influenciada pelo suporte familiar, que desempenhou um papel central ao incentivar e proporcionar condições para que os estudantes permanecessem na residência. Isso reflecte uma expectativa social de que a residência universitária oferece um ambiente propício para o sucesso académico e pessoal dos estudantes. Ademais, estudantes relataram que estar próximo de colegas facilita a troca de conhecimentos, a criação de laços de amizade e um ambiente de apoio mútuo que contribui para o desempenho académico, conforme ilustra o depoimento a seguir:

> *"São vários os factores que fizeram com que viesse viver na residência universitária: vim aqui graças aos meus encarregados de educação que me incentivaram, e também porque achei relevante da minha parte estar na residência pois, tendo alguns colegas de curso perto de mim, o meu aproveitamento académico seria bom".*
>
> (Estudante, Línguas Bantu, 18 anos, 1º Ano, Residência 9, Tete)

Do ponto de vista sociológico Moscovici (1961), afirma que as representações sociais orientam comportamentos e escolhas, sendo influenciadas por contextos sociais, como as instituições, a classe, a história e as relações de poder. Esses contextos influenciam a forma como os indivíduos percebem e interpretam o mundo ao seu redor, afectando suas atitudes e decisões.

O depoimento reflecte representações sociais que vinculam o sucesso académico à convivência em residências universitárias. Esses factores reforçam a ideia de que o espaço residencial não é apenas físico, mas também social, onde a troca de experiências e a motivação colectiva promovem o desempenho académico. Moscovici (1961) destaca que

essas representações não são estáticas, uma vez que são construídas e negociadas a partir das interacções quotidianas, o que torna a presença de redes de apoio um elemento central para a integração e o sucesso do estudante, pois estar rodeado por colegas de curso na residência cria uma rede de apoio mútuo que facilita o intercâmbio de informações e recursos académicos, elevando o potencial de sucesso educativo. A residência universitária, neste caso, actua como um espaço de construção de capital cultural e social, onde as interacções e o compartilhamento de experiências influenciam positivamente o desempenho dos estudantes.

Assim, a escolha de viver na residência universitária não é meramente individual, mas é moldada por influências sociais que condicionam e orientam o comportamento, conforme as ideias de Durkheim (1995) sobre como os factos sociais actuam na vida dos indivíduos. A decisão da maior parte dos estudantes é, em parte, resultado de uma coerção social que, para Durkheim, pode ser tanto explícita como implícita. O facto de os estudantes terem influência dos encarregados de educação apresenta um certo grau de coerção social na sua decisão de estar na residência. Mesmo que eles tenham decidido ficar na residência pela pertinência de seu próprio aproveitamento académico, essa decisão está embebida nas expectativas familiares e sociais sobre o que é considerado um bom ambiente para o estudo e desenvolvimento.

1.6.2. Viver na residência universitária reduz custos de vida dos estudantes

Podemos constatar também que as experiências dos estudantes na residência universitária estão profundamente enraizadas em construções culturais que influenciam suas percepções e escolhas. Como podemos ver adiante, os depoimentos mostram as dificuldades que os estudantes enfrentariam caso tivessem de viver num sítio que não fosse a residência universitária. Problemas relacionados com alojamento, transporte e outros elementos de certa forma contribuiriam negativamente na sua vida.

Strey (2002) afirma que os significados culturais são construídos a partir das interacções e experiências dos indivíduos dentro de um determinado contexto social. A residência universitária, portanto, não é apenas um espaço físico de moradia, mas um local onde os estudantes atribuem significados baseados nas suas necessidades, experiências e expectativas. Neste caso, os depoimentos reflectem uma construção cultural de a que proximidade à universidade significa maior eficiência e menos desgaste com problemas externos, como transporte e deslocamento.

> *"Vivo na residência por ser mais próxima da faculdade e aqui tenho todo o tempo para me dedicar ao meu curso. Se eu estivesse em um outro lugar, teria de lidar com várias dificuldades, como alojamento, transporte, entre outras".*
>
> (Estudante, Medicina, 17 Anos, 1º Ano, R7, Nampula)

No depoimento abaixo, podemos depreender que a universidade, através da residência, funciona como um espaço de acolhimento. Segundo Strey (2002), essa integração ao novo ambiente cria novos significados culturais: a residência universitária como um ponto de acolhimento inicial para estudantes que vêm de regiões distantes que, assim, passa a ser interpretada como um espaço de encontro entre várias culturas, onde práticas, valores e tradições regionais são compartilhados no contexto universitário. O outro significado cultural diz respeito à residência como símbolo de independência – para os estudantes que deixam suas casas e comunidades, viver na residência universitária marca o início de uma nova fase da vida social e académica. A residência universitária é um espaço onde os estudantes começam a adaptar-se às normas e práticas da vida universitária:

> *"Uma vez que venho da província, um local distante de onde estou, foi o primeiro lugar que me foi indicado"* (Estudante, Linguística, 17 anos, 1º Ano, Residência 9, Zambézia).

Assim, os depoimentos ilustram como os estudantes interpretam e atribuem à residência universitária o papel de facilitadora de mobilidade e redutora de custos, e isso é essencial para garantir uma melhor experiência académica, reflectindo a maneira como os estudantes, especialmente aqueles provenientes de regiões distantes, vêem a residência como um lugar que oferece acolhimento em um novo ambiente, promovendo uma transição mais suave para a vida universitária. A outra influência é a de que os estudantes vêem a residência como um espaço que reflecte valores comunitários e colectivos, onde estudantes de diferentes origens compartilham experiências e aprendem uns com os outros.

Strey (2002) enfatiza como os significados culturais são atribuídos a lugares e experiências, onde a residência universitária é vista como um ponto de integração inicial para os estudantes que vêm de longe ou de outras províncias.

No nosso entender, os depoimentos mostram que a proximidade é um factor contribuinte para os estudantes escolherem viver na residência universitária, pois ela facilita o acesso diário às aulas e outras actividades académicas, economizando tempo e esforço que seriam gastos em

deslocamentos. Outrossim, os depoimentos sublinham que a capacidade de se dedicarem mais ao curso devido à proximidade da faculdade traz um benefício significativo para os estudantes, para além de evitar problemas de alojamento e transporte, reduz o stresse e as distracções, permitindo que eles mantenham um foco maior em suas responsabilidades académicas.

Ambos os depoimentos supracitados revelam como o espaço da residência universitária é construído culturalmente por meio de práticas e expectativas dos estudantes, onde os estudantes trazem consigo o hábito de estudar colectivamente, o respeito pela diversidade, e a valorização da convivência comunitária. A escolha de viver na residência, influenciada por valores como proximidade, dedicação aos estudos, e indicação institucional, reflecte práticas culturais compartilhadas que moldam as experiências dos indivíduos (Strey, 2002).

1.6.3. A residência universitária é um espaço que acolhe e proporciona segurança aos estudantes

Neste subtítulo, depreendemos a importância da residência como um local que oferece suporte material, emocional e psicológico aos estudantes, especialmente para aqueles que se encontram longe de suas famílias. Esse acolhimento vai além do espaço físico, abrangendo também a construção de um ambiente favorável ao desenvolvimento académico e pessoal.

O próximo depoimento reflecte a percepção da residência universitária como um espaço que vai além da simples moradia, sendo um ambiente multifuncional que atende tanto às necessidades económicas como à criação de um contexto social e seguro. Os entrevistados afirmaram que optaram por viver na residência universitária por ser um recurso acessível que possibilita a continuidade dos seus estudos. Essa visão é moldada pela percepção de que a residência oferece um alívio financeiro e, consequentemente, uma oportunidade de ascensão académica e social.

Neste caso, os estudantes mostram estar cientes de suas limitações económicas e, portanto, escolhem viver na residência universitária como uma estratégia para maximizar os custos, especialmente devido à limitação financeira em que eles se encontram:

> *"Estou a viver na residência universitária porque tem sido economicamente viável na minha condição financeira, além disso, proporciona um ambiente seguro e ideal para estudos e socialização"* (Estudante, Ensino de Inglês, 19 anos, 1º Ano, Residência 9, Gaza).

A partir do depoimento acima, percebe-se que a necessidade financeira dos estudantes, muitas vezes, determina suas escolhas e limita suas possibilidades. E que, também, a segurança e as condições ideais para estudo e convivência fazem com que os estudantes vejam a residência universitária como um espaço protector e propício para o desenvolvimento de suas actividades académicas. Essa percepção molda representações sociais positivas sobre o local, onde a residência não é tida apenas como um abrigo físico, mas também como um ambiente que proporciona tranquilidade e estabilidade emocional.

De acordo com Strey (2002), a residência universitária, nesse caso, emerge como um espaço simbólico que transcende sua função prática e económica, sendo reinterpretada pelos estudantes como um local de segurança, socialização e a construção de redes de suporte social.

1.7. Desafios dos estudantes sobre a convivência na residência universitária

Este ponto analisa os principais desafios que os estudantes universitários enfrentam na convivência em grupo, e como esses desafios moldam a dinâmica social e a qualidade de vida nos ambientes residenciais.

1.7.1. A desigualdade de poder como fonte de conflitos e desafios na adaptação

Alguns estudantes deram os seus depoimentos sobre como a desigualdade de poder entre os estudantes veteranos e os de novo ingressos geram conflitos e desafios emocionais associados à adaptação ao novo ambiente e como eles lidam com a situação quando são confrontados. Essas desigualdades manifestam-se por meio de relações hierárquicas e informais. Isto é, os "mazas" (ou veteranos) assumem posições de autoridade, influenciando comportamentos e decisões dos estudantes. Essas manifestações podem ocorrer em situações de imposição de regras informais na convivência, prioridade no uso de espaços e recursos dentro da residência e atribuição de tarefas ou obrigações aos estudantes de novo ingresso.

A desigualdade de poder mencionada nos depoimentos, especialmente na relação entre veteranos e caloiros, ilustra uma representação social hierárquica que regula comportamentos dentro do espaço residencial. Os "mazas" são percebidos como figuras de autoridade, cujas acções podem influenciar o comportamento e as emoções dos recém-chegados.

> *"Há desigualdade entre os estudantes, pois os estudantes do primeiro ano têm de ter mais respeito que os que estão há mais de um ano – os que são aqui conhecidos como mazas"* (Estudante, Francês, 17 anos, 1º Ano, Residência 9, Cabo Delgado).

No outro ponto recorrente, os entrevistados apontam conflitos interpessoais, como discussões e desentendimento entre colegas de quarto como um desafio adicional na convivência. Por serem estudantes de contextos culturais diversos, eles enfrentam desafios relacionados à privacidade restrita, ao nível de ruído no ambiente e à adaptação à ausência de familiares. Para os estudantes, os desafios de convivência são ainda ampliados pela questão da adaptação ao novo ambiente. Para eles, a transição da vida familiar para um espaço compartilhado pode ser emocionalmente exigente, como mostram os sentimentos de solidão e saudade mencionados acima. Aliado a isto, Durkheim (1999) argumenta que, em momentos de transição, como o ingresso em uma residência universitária, a ausência de normas internalizadas pode gerar anomia, contribuindo para os conflitos e as dificuldades de adaptação. Os depoimentos destacam que o ruído e a falta de privacidade são obstáculos que minam o equilíbrio social, reforçando a necessidade de regras e práticas que promovam a coesão e o respeito mútuo.

> *"Os desafios que enfrentamos na convivência universitária são: discussões e falta de entendimento no quarto, que acabam complicando muito a convivência universitária".*
>
> (Estudante, Eng. Florestal, 18 anos, 1º Ano, Residência 7, Nampula)
>
> *"Apesar de proporcionar muitas vantagens, como o abrigo e um bom lugar para os estudos, há também algumas desvantagens como a privacidade, o compartilhamento do mesmo quarto e espaços comuns com outros estudantes. Pode ser difícil no começo para quem não está acostumado, mas alguns dos principais desafios podem ser mesmo o ruído, a saudade da família e a solidão".*
>
> (Estudante, Ensino de Inglês, 19 anos, 1º Ano, Residência 9, Gaza)

Através dos depoimentos acima, percebe-se que a convivência universitária está marcada por uma desigualdade social e conflitos. A hierarquia estabelecida pela experiência na residência universitária, que confere maior autoridade aos veteranos, intensifica as tensões e pode gerar situações de desrespeito e exclusão, especialmente para os estudantes de novo ingresso.

Além disso, a questão da falta de privacidade é fortemente destacada pelos entrevistados. Os estudantes consideram o compartilhamento do espaço residencial desconfortável, especialmente para aqueles que não estão acostumados com a proximidade física e a ausência de um local privado.

Podemos entender aqui que os estudantes mencionam o ruído, a solidão e a saudade da família como desafios emocionais que impactam o bem-estar psicológico, especialmente para aqueles que não estão habituados a viver longe de casa. No entanto, a convivência com outros estudantes é um processo que exige um equilíbrio entre as necessidades pessoais e as exigências do espaço residencial e, por causa disso, os depoimentos revelam a convivência na residência universitária como um campo de aprendizado social e pessoal, considerando a cooperação e a resiliência como fundamentais para lidar com as dificuldades quotidianas.

> *"Os desafios são vários, porém alguns são frequentes, como a adaptação ao novo meio e a comunicação entre os estudantes".*
>
> (Estudante, Eng. Agronómica, 18 Anos, 1º Residência 7, Quelimane)

Outrossim, os depoimentos relataram a dificuldade de comunicação e adaptação dos estudantes na criação e compartilhamento das representações sociais sobre a convivência. Moscovici (1961) argumenta que esses processos podem ser desafiadores em contextos de mudança, já que novas experiências exigem a reconstrução dos significados colectivos para alcançar equilíbrio nas interacções. Assim, os conflitos relatados (discussões, falta de privacidade e ruído) são reflexos das tensões inerentes ao processo de adaptação a um novo ambiente e à necessidade de renegociar valores compartilhados.

1.7.2. A comida do refeitório estudantil provoca problemas de saúde

De acordo com os estudos de Froy (2011), a forma como os estudantes percebem e compreendem a alimentação influencia directamente seus hábitos alimentares e, consequentemente, seu comportamento social. A internalização dessas percepções molda as escolhas alimentares e as práticas relacionadas à comida no dia-a-dia. De acordo com a sua tese, a alimentação é um elemento central para a saúde e o bem-estar mas, em contextos institucionais, os padrões alimentares podem entrar em conflito com as necessidades individuais. Assim, os estudantes concebem a alimentação de diversas formas segundo o seu processo de socialização:

> *"Eu considero que a alimentação na residência proporciona desconforto e também não gosto de alimentos com muitos temperos".*
>
> (Estudante, Ensino de Português, 21 anos, 1º Ano, Residência 9, Sofala)

Estudantes de diferentes regiões ou grupos étnicos podem ter preferências alimentares específicas baseadas em tradições culturais. Por exemplo, alimentos típicos de uma região podem ser mais valorizados por certos estudantes, enquanto outros podem rejeitar a comida oferecida por não se alinhar à sua cultura alimentar. Enquanto alguns priorizam uma dieta equilibrada e nutritiva, buscando alimentos que promovam a saúde e o bem-estar, outros podem ter hábitos alimentares menos saudáveis, priorizando a saciedade imediata sem considerar os impactos a longo prazo.

A socialização também envolve expectativas formadas pela comparação com outras instituições ou experiências. Alguns estudantes podem comparar negativamente a alimentação oferecida no refeitório com a que tinham em casa ou em outras instituições.

Ademais, Froy (2011) argumenta que essa forma de dar significado à alimentação servida no refeitório estudantil, resulta de factores sociais e culturais associados às relações sociais no seio da comunidade dos estudantes. O autor também constata que, para todos estudantes entrevistados, a alimentação constitui um problema porque contribui para o mal-estar e, algumas vezes, resulta em doenças na medida em que existem estudantes que não podem comer certa comida, ou porque tem muito sal, ou devido a certas práticas, ou mesmo por recomendação médica. Assim, torna-se necessário respeitar os hábitos alimentares fazendo pratos alternativos.

O próximo depoimento evidencia que os estudantes possuem restrições alimentares ou intolerâncias que não são adequadamente consideradas nas refeições oferecidas, o que sugere uma ausência de flexibilidade no cardápio do refeitório, ignorando potencialmente a diversidade das necessidades nutricionais dos estudantes, causando não apenas uma experiência negativa no quotidiano universitário, mas também afectando o bem-estar geral dos estudantes.

Na mesma senda, estudos de Silva e Rodrigues (2018) sobre práticas alimentares em residências universitárias destacam que a padronização das refeições muitas vezes ignora as diversidades culturais e fisiológicas dos estudantes, resultando em insatisfação e possíveis problemas de saúde. Além disso, a pesquisa de Oliveira e Santos (2020) ressalta que a falta de opções alimentares adequadas pode gerar stresse e comprometer o desempenho académico. Os depoimentos dos entrevistados reflectem essa tensão, evidenciando como as políticas alimentares institucionais falham em atender as necessidades específicas, criando um impacto negativo na saúde e na experiência universitária.

"Certas refeições disponibilizadas pela DSS ou refeitório contêm ingredientes que afectam a sensibilidade do meu estômago, não tendo alternativas, sacrifico-me a aceitar a comida".

(Estudante, Biologia Aplicada, 23 anos, 1º Ano, Residência 9, Namacurra)

Conforme destaca o depoimento, evidencia-se uma dificuldade de adaptação à alimentação oferecida pela instituição, apontando para a ausência de diversidade nas refeições disponibilizadas. Devido a isso, Elias (1994) afirma que, em grandes instituições, é essencial reconhecer e respeitar as diferenças individuais, de modo a evitar que determinados grupos sejam marginalizados ou forçados a se adequar a padrões institucionais homogéneos que ignoram necessidades específicas.

Num estudo de 2005, Canesqui & Garcia investigam as práticas alimentares em contextos colectivos, como refeitórios universitários e suas implicações para a saúde. Os autores apontam que a padronização das refeições frequentemente desconsidera as necessidades nutricionais e preferências culturais dos estudantes, resultando em problemas como má digestão, alergias alimentares e distúrbios gástricos. A pesquisa também destaca como a insatisfação com a comida pode impactar negativamente o bem-estar geral e o desempenho académico.

Por outro lado, Carvalho & Soares (2021) examinam a relação entre as preferências alimentares individuais e as condições estruturais dos refeitórios universitários. Descobriu-se que muitos estudantes acabam negligenciando suas necessidades nutricionais devido à falta de alternativas alimentares adequadas. Problemas como gastrite, anemia e carências nutricionais foram frequentes nos relatos dos entrevistados, especialmente entre aqueles que dependem exclusivamente do refeitório.

De acordo com os entrevistados, a alimentação revelou que este é um dos aspectos mais sensíveis na convivência dos estudantes na residência universitária. Os depoimentos evidenciam que a alimentação vai além de uma necessidade básica, representando também um espaço de intersecção entre cultura, saúde e integração social. Por um lado, a comida do refeitório é percebida como acessível em termos financeiros mas, por outro lado, levanta preocupações significativas relacionadas à qualidade e aos impactos na saúde dos estudantes.

Essa ambiguidade reflecte o processo de socialização dos estudantes, que concebem a alimentação de diferentes formas, influenciadas por suas origens culturais e experiências

familiares. Para alguns, ela é um reflexo das limitações económicas e do esforço de adaptação; para outros, representa uma ruptura com práticas alimentares mais saudáveis e culturalmente significativas. Nesse sentido, a alimentação emerge não apenas como um factor prático, mas também como um ponto de tensão e de ressignificação no quotidiano dos residentes.

No que concerne factores económicos, eles dizem respeito à origem socioeconómica dos estudantes, o que afecta suas expectativas e condições de adaptação.

Considerações finais

Este estudo analisou as representações sociais dos estudantes de novo ingresso sobre a convivência na residência universitária do Tangará, no Campus Principal da UEM, em Maputo. Com base nos objectivos delineados, foi possível compreender como os estudantes constroem as suas percepções sociais, e como as mesmas influenciam o processo de integração no espaço residencial.

Uma vez construída a problemática, propusemos o argumento de que as representações sociais sobre a convivência na residência universitária do Tangará estruturam os processos de adaptação dos estudantes de novo ingresso, podendo actuar tanto como facilitadores da integração quanto como barreiras, dependendo daa dinâmicas de aceitação, rituais de passagem e redes de apoio social presentes no ambiente estudantil. Para a fundamentação do nosso argumento, partimos do pressuposto de que, enquanto as representações sociais sobre a convivência impactam a percepção individual de adaptação, as redes de apoio social desempenham um papel ainda mais determinante no processo de integração dos estudantes. Esse factor não foi completamente antecipado pela hipótese, o que sugere que a convivência na residência universitária é mediada por uma série de outros factores sociais e emocionais, além das representações. Por outro lado, embora as representações sociais sobre a convivência desempenhem um papel relevante, a pesquisa revela que as redes de apoio social têm uma influência substancial na adaptação dos estudantes de novo ingresso.

Para alcançarmos nosso objectivo, utilizamos uma abordagem metodológica qualitativa, que nos permitiu colectar, analisar e interpretar os dados. Realizamos uma revisão bibliográfica aprofundada, a partir da qual identificamos duas principais abordagens: a primeira, centrada na expectativa como um mecanismo de adequação dos estudantes à realidade na residência universitária, permitindo que projectem antecipadamente sua experiencia na residência universitária; a segunda, centrada na adaptação como um processo de integração social, no qual os estudantes ajustam seus comportamentos e interacções para se inserirem na dinâmica social e académica do ambiente universitário.

Com base nas teorias de Moscovici (1961) e Durkheim (1978) sobre as representações sociais, foi possível analisar o nosso objecto de estudo e concluir que os mecanismos expressos por meio de ideias, conhecimentos e reflexões do quotidiano exercem uma influência significativa sobre determinados objectos ou acontecimentos.

Os resultados deste estudo destacaram que a convivência é simultaneamente um espaço de aprendizado colectivo e de desafios. Elementos como o respeito, a dignidade e o espírito de entreajuda surgiram como fundamentais para o fortalecimento das relações interpessoais entre os residentes. A falta de privacidade nos quartos e espaços comuns surge como um desafio significativo, afectando directamente o bem-estar dos residentes. O compartilhamento de quartos com estudantes de diferentes origens culturais exige constantes negociações sobre comportamentos e hábitos, o que, muitas vezes, resulta em conflitos.

Um aspecto significativo revelado pelo estudo foi o papel do rito de "calorização" na integração dos estudantes. Enquanto esse processo favorece a construção de laços sociais e reforça o sentimento de pertença, ele também foi associado a práticas que podem gerar exclusão e desconforto emocional.

A alimentação também foi um tema recorrente nos depoimentos. Muitos estudantes relataram problemas com a padronização das refeições no refeitório, mencionando que os cardápios não atendem as suas necessidades nutricionais ou restrições alimentares, o que afecta sua saúde e desempenho académico. A alimentação na residência universitária do Tangará é um aspecto central para a experiência dos estudantes, tanto pela sua importância para a saúde como pelos desafios que representa. Muitos entrevistados relataram insatisfação com a qualidade e a padronização das refeições fornecidas pela DSS (Direcção dos Serviços Sociais), destacando que os cardápios frequentemente desconsideram as diversidades culturais e as necessidades alimentares individuais. Alguns estudantes enfrentam problemas de saúde, como má digestão e desconforto gástrico devido ao consumo de refeições que não se adequam às suas restrições ou preferências alimentares.

Apesar das críticas, alguns estudantes reconhecem o esforço da instituição em fornecer alimentação acessível. Contudo, eles sugerem que melhorias como a diversificação dos cardápios e a inclusão de opções específicas para necessidades alimentares poderiam contribuir para uma convivência mais saudável e satisfatória no ambiente universitário. A alimentação, assim, transcende a questão nutricional, tornando-se um reflexo das condições estruturais e das dinâmicas sociais que moldam a vida na residência.

Apesar dessas dificuldades, as redes de apoio social, formadas principalmente por colegas do mesmo curso, quarto ou região de origem, foram destacadas como fundamentais para a adaptação dos estudantes. Essas redes proporcionam suporte emocional, ajudam na

integração social e promovem o compartilhamento de experiências e conhecimentos académicos.

Esta pesquisa permite os estudantes de novo ingresso a entender melhor a convivência na residência universitária do Tangará, mostrando os desafios, as dinâmicas sociais e as formas de integração. A fazerem a leitura, poderão se preparar melhor para essa experiência, adaptar-se mais facilmente e contribuir para um ambiente mais harmonioso.

Referências bibliográficas

Almeida, J. Silva, R. (2018). "Solidariedade em Residências Universitárias": *Convivência e Redes de Apoio*. Revista Brasileira de Sociologia, v. 6, n. 2, pp. 45-67.

Almeida, S. (2002). "Formatar o ensino a pensar na aprendizagem", *in:* S. Pouzada. Almeida, & R. M. Vasconcelos (ed.)., *contextos e dinâmicas da vida académica.* Guimarães: Universidade do Minho.

Almeida, S. *et al*. (1999). "Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes no ensino superior": *construção/validação do questionário de vivência académicas.*

Alves, H., Pereira, C., & Loureiro, M. (2012). *Representações sociais e práticas educativas: contributos para a compreensão das dinâmicas escolares*. Porto: Porto Editora.

Astin, W. (1993). *What Matters in College? Four Critical Years Revisited.* Jossey-Bass.

Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*, Lisboa: edições 70.

Berger, P. Luckmann, T. (2006). *A construção social da realidade*. (26ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Braxton, M., et al. (2000). *Institutional Productive Efficiency and Student Persistence.* The Review of Higher Education, pp. 285-299.

Beyers, W., & Goossens, L. (2003). *Psychological separation and adjustment to university: Moderating effects of gender, age, and perceived parenting style.* Journal of Adolescent Research, 18(4), 363-382.

Carvalho, L.; Soares, P. (2021). *Necessidades Nutricionais e Refeitórios Universitários*: Um Estudo Qualitativo. Revista de Sociologia da Alimentação, v. 15, n. 2, pp. 54-72.

Carmo, H. & Ferreira, m. (2008). "Metodologia da investigação": *guia para auto-aprendizagem*. (2ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.

Castro, P. (2002). Cultural change and social representations: The case of ecology and the environment. In J. Laszlo & W. Wagner (Eds.), *Theories and controversies in societal psychology* (pp. 127-143). Budapest: New Mandate.

Demo, P. (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas.

Dinis, N., & Almeida, L. S. (2006). *Representações sociais de professores sobre a inclusão escolar*. Revista Portuguesa de Educação, 19 (2), 85-108.

Douglas, Mary. (1966). "Purity and danger"*: in analysis of concepts of pollution and taboo*. London: Routledge.

DSS. (2024). *Mapa geral da Residência Universitária.*

Durkheim, É. (1999). *Da Divisão do Trabalho Social*. (2 ed.)., São Paulo: Martins Fontes.

Durkheim, É. (1970). *Sociologia e filosofia*, Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Durkheim, É. (1995). *The elementary forms of religious life.* New York: Free Press.

Elliott, A. (2014). *The Role of Initiation Rituals in the Construction of Student Identity.* Journal of Higher Education, pp. 326-348.

Elias, N. (1994). *The civilizing process*. Oxford: Blackwell.

Equipe editorial de conceito.de. (23 de outubro de 2011). Actualizado em 29 de Março de 2022. *Estudante – o que é, conceito e definição.* Conceito.de.https://conceito.de./estudante.

Ferreira, M. Santos, P. (2020). *Conflitos e Respeito em Espaços de Vivência Estudantil*. Revista de Estudos Interdisciplinares em Educação, v. 4, n. 3, pp. 112-129.

Foucault, M. (1977). "Vigiar e punir"*:* nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes.

García-Moya, I. et al (2018). *The influence of peer connectedness on self-esteem and the role of other supportive relationships.*

Geraldo, B. Poker, J. (2009). *Considerações sobre as teorias de integração social e as formas da cidadania.* Revista em tempo. Disponíveis em: https://revista.univem.edu.br/emtempo/article/view/49. Acesso em: 24 de junho de 2024.

Gil, C. (2007). *Métodos e técnicas de pesquisa social*, (5ª ed.)., São Paulo: Atlas.

Gil, C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*, (5ª ed.)., São Paulo: Atlas.

Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Iftikhar, A. & Ajmal, A. (2015). *A qualitative study investigating the impact of hostel life.* Internacional journal of emergency mental health and human resilience.

Jodelet, D. (1989). *Representations sociales. Paris*: PUF GUERRA, Isabel Carvalho (2006). Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso, (1ª ed.)., Portugal: Principal.

Jodelet, D. (2002). Representações sociais: um domínio em expansão. In *D. Jodelet (Org.), As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Khazaei, F. *et al*. (2011). "The students degree of preference for residence hall facilities and amenities, study of country". *African journal of business management.*

Lefebvre, H. (1974). *La production de l'espace*. Paris: Anthropos.

Lima, A. (2019). *O Impacto da Organização Espacial na Convivência Estudantil em Residências Universitárias*. Revista de Sociologia e Educação, v. 8, n. 1, pp. 45-58.

Macamo, E. (2004). *A Leitura Sociológica*, Maputo: Imprensa Universitária.

Marchi, C. (2013). "O trabalho infantil na visão das crianças trabalhadoras" in: trabalho infantil – *Representações Sociais da sua instituição em Blumeau s/c*-Curitiba, Ufpr: Brasil.

Mead, G. (1934). *Mente, Eu, e Sociedade.* Universidade de Chicago: Press.

Minayo, S. (2001). *Pesquisa social. Teoria, método e criatividade. (*Org.)., (18ª ed.)., Petrópolis: Vozes, p. 7.

Mimrot, P. (2012). *Les représentations sociales: concepts et applications*. Paris: L'Harmattan.

Monteiro, C. et al. (2019). Dieta dos Ultra-Processados e Seus Impactos na Saúde. Public Health Nutrition, v. 22, n. 5, pp. 18-27.

Morgado, C. (2012). *Metodologia da investigação em educação*: Santo Tirso Portugal: De Facto.

Morosini, C. (2006). *Enciclopédia de pedagogia universitária*: glossário. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, (ed.)., Anísio Teizeira.

Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France.

Moscovici, S. (1984). *The phenomenon of social representations*. In R: M. Farr & s. Moscovici (eds.), Social representations (pp. 3-69). Cambridge University: Press.

Moscovici, S. (1978). Preface, in: C. Hertzlich, Santé et Maladies. Hague, Monton, 1969 *Representação Social da Psicanálise,* Rio de Janeiro: Zahar.

Oliveira, R. Santos, L. (2020). *Impactos da Alimentação Institucional na Saúde do Estudante Universitário*. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, n. 5, pp. 97-110.

Oliveira, M., & Queiroz, M. (2010). *Ritos de Iniciação na Universidade: Implicações Psicológicas e Sociais.* Estudos Interdisciplinares em Psicologia, pp. 123-137.

Pascarella, E. T., & Terenzini, P. T. (2005). *How college affects students: A third decade of research (Vol. 2*). San Francisco: Jossey-Bass.

Putnam, R. D. (2000). "Bowling Alone": *The Collapse and Revival of American Community*. Simon & Schuster.

Reis, A. C., & Martins, C. (2015). *Representações sociais e práticas educativas: Um estudo com professores do ensino básico*. Revista de Educação, 23(2), 45-62.

Shah, C. (2010). *O processo de ocupação de Residências Universitárias Estudantis como um desafio.*

Silva, M. Rodrigues, J. (2018). *Práticas Alimentares em Residências Universitárias*. Revista Brasileira de Estudos Sociais, v. 12, n. 3, pp. 67-80.

Sousa, P. et al. (2018). "Desconstruindo o Trote"*: Novas Práticas de Integração na Universidade.* Revista brasileira de estudos pedagógicos, pp. 320-335.

Sousa, J. & Oliveira, M. (2002). "Percepções sociais"*: teoria e aplicação*. São Paulo: Académica.

Stuber, J. (2009). "Inside the College Gates"*: How Class and Culture Matter in Higher Education.* New York: Lexington Books.

Strey, N. (2002). *Psicologia Social Contemporânea,* (Org.)., (7ª ed.). Rio de Janeiro: Vozes.

Tavares, P. & Pereira, T. "Residências universitárias"*: uma revisão da literatura. Rosa-dos-ventos Turísticos e Hospitalidade,* pp. 268-284, Doi.

Thakkar, D. (2012). *Diary of a fresher-2.* Dhirubhai Ambani Institute of Information and Communication, Gundhinagar.

Teixeira, M. e*t al*. *Adaptação à universidade em jovens calouros*: Adaptação à universidade.

Teixeira, M. P., Castro, K. S., & Zoltowski, a. P. C. (2012). "Integração académica e integração social nas primeiras semanas na universidade": *percepções de estudantes universitários*. Revista Interinstitucional de Psicologia, pp. 69-85.

Tinto, V. (1993). "Leaving College": *Rethinking the Causes and Cures of Student Attrition.* 2. ed. Chicago: University of Chicago Press.

Terenzini, T. *et al.* (1996). "Student Success in College": *The Role of the Social and Academic Environment*. Research in Higher Education, pp. 511-539.

Tomei, F. (2013). *O conceito de representações coletivas em Durkheim*, Universidade de São Paulo: laboratório didático - USP ensina sociologia.

Van Gennep, A. (1960). *The rites of passage*. Chicago: University of Chicago Press.

Apêndices

Apêndice I – Guião de Entrevistas

O presente guião visa colher algumas sensibilidades e opiniões de estudantes de novo ingresso que convivem na residência universitária do Tangará do Campus Principal da UEM, na Cidade de Maputo.

A intenção deste guião é de procurar identificar e compreender as percepções sociais desses estudantes sobre a convivência no universo residencial e o seu processo de integração social, visto que são de "**Novo Ingresso**" e o seu primeiro contacto com a residência e os demais estudantes integrados muitas vezes é surpreendente.

Este é um dos requisitos parciais para a obtenção do grau de licenciatura. Portanto, *a vossa participação na minha pesquisa é fundamental para o alcance desse resultado.*

A todos os participantes, o meu muito obrigado!

Perfil sociodemográfico dos estudantes de novo ingresso sobre a convivência na residência universitária

1. De onde é (sua proveniência)?

_____

2. Qual é a sua idade?

_____

3. Qual é o seu sexo?

_____

4. Qual é o seu estado civil?

_____

5. Como é que se sustenta na residência universitária?

_____

_____

_____

Percepções sociais dos estudantes de novo ingresso sobre a convivência na residência universitária do Tangará

1. O que você entende por "residência universitária e o convívio no espaço residencial"?

_____
_____
_____
_____
_____

2. Como é que funciona a convivência na residência universitária do Tangará?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

3. Como é que se relaciona com os outros estudantes na residência, uma vez que cada um possui valores e crenças religiosas diferentes?

_____
_____
_____
_____

4. Que desafios enfrenta na convivência universitária do Tangará?

_____
_____
_____
_____
_____

5. Qual é a sua percepção sobre o comportamento de estudantes que vêm de origens diferentes convivendo no mesmo espaço?

_____
_____
_____
_____
_____

6. O que pode motivá-lo a alcançar seus objectivos enquanto estudante na residência universitária?

_____

_____

_____

_____

Influências sociais e económicas na construção das representações sociais dos estudantes de novo ingresso sobre a convivência na residência do Tangará

1. Como e quando é que entrou na residência universitária do Tangará?

_____

_____

_____

2. A convivência na residência universitária é feita com base na proveniência dos estudantes ou por cursos específicos? Se sim, como?

_____

_____

_____

_____

3. Há alguma divisão étnico-linguística entre grupos de estudantes na residência universitária?

_____

_____

4. Como é que os estudantes se unem quando se encontram na residência universitária?

_____

_____

5. Como é que os estudantes se comunicam na residência universitária?

_____

_____

6. Por que vive numa residência universitária e não num outro lugar?

_____

_____

_____

_____

7. Como é que se relaciona com os outros estudantes na residência, tendo em conta que cada um possui hábitos e costumes diferentes?

_____

_____

_____

_____

Processo de integração social dos estudantes de novo ingresso na residência universitária

1. Como é que foi recebido quando se inseriu na residência universitária?

_____

_____

_____

_____

2. Como é feita a recepção dos estudantes na residência universitária?

_____

_____

_____

_____

3. Sente-se como membro da convivência residencial universitária?

_____

_____

_____

4. Como é que se adaptou ao convívio na residência universitária?

_____

_____

_____

_____

3. Como é que se socializou para se tornar membro da convivência na residência universitária?

_____

_____

_____

5. O que acontece quando não se obedece as regras da convivência universitária?

_____

_____

_____

_____

6. Existem critérios específicos para se tornar membro da convivência na residência universitária? Se sim, quais?

_____

_____

_____

_____

7. Como é que a DSS (Direcção dos Serviços Sociais de alojamento) orienta os estudantes a se inserirem na residência universitária?

_____

_____

_____

_____

_____

_____